

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1900

N.º 28



Antonio de Serpa Pimentel

Fallecido em 1 de março de 1900



ORTHOGRAPHIA

A Academia Real das Sciencias — pelo que dizem os periodicos — está n'este momento chamando a capitulo os seus associados para o fim de discutir em assembleia a orthographia que tem de ser adoptada no Dicionario da lingua e nas publicações academicas.

A noticia d'este inesperado acontecimento lexicologico submerge-nos em desassossegadas cogitações.

A antiga Academia nunca procedeu a chamado para discutir em congregação as obras preciosas com que doou a lexicologia e a historia da lingua patria.

Os redactores do primitivo Dicionario, que não passou do primeiro volume abrangendo a letra A, eram apenas tres pacientes e insignes litteratos, trabalhando silenciosamente na mais completa independencia da sua responsabilidade individual. Toda a gente sabe que o alfinado lexicon se interrompeu galbofeiramente na palavra *azurrar*. Menos gente conhece os nomes dos tres honrosos benemeritos e despremiados que heroicamente se consagraram a esse modesto labôr, monumental e incomprehendido. Esses tres academicos chamavam-se Pedro José da Fonseca, Bartholomeu Ignacio Jorge, Agostinho José da Costa Macedo. O primeiro morreu de lentas e dolorosas enfermidades contrahidas nas vigílias da mais oppressiva tarefa. Os outros dois cegaram. O publico deu-lhes o mais ingrato esquecimento, e a Academia conferiu a cada um d'elles, como suprema e unica remuneração da sua ingloria fadiga, um exemplar do Dicionario em que elles haviam consumido a saude e a vida.

O admiravel *Eucidario* de Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, um dos mais opulentos depositos de erudição applicada ao estudo do vocabulario portuguez, com quanto devido a um socio da Academia das Sciencias, assim como a portentosa *Historia Genealogica da Casa de Bragança*, a um socio da Academia da Historia, fizeram-se todavia e levaram-se a cabo sem o arriscado concurso do parlamentarismo academico.

Outro tanto se deu com o Dicionario de Bluteau, e com os interessantes trabalhos dos academicos que mais enriqueceram a historia da philologia portugueza, como Antonio Pereira de Figueiredo, Francisco Dias Gomes, Antonio Ribeiro dos Santos, Antonio das Neves Pereira, Joaquim José Ferreira Gordo, José Anastasio de Figueiredo e Antonio Caetano do Amaral.

Reunidos agora em assembleia parlamentar e legislativa, que é que irão fazer nos da nossa orthographia os quarenta immortaes e quarenta maiores contribuintes da sciencia nacional, mais os socios correspondentes e os associados provinciais da sabia corporação, em numero consideravelmente preponderante no recenseamento geral da população do reino?

Dada a maravilhosa anarchia neographica em que no momento presente tão caprichosamente rabiem as pennas dos escriptores portuguezes, não é difficil prever que cada um dos numerosos litteratos reunidos nos as abobadas academicas terá uma opinião individual sobre a mais plausivel maneira de orthographar as palavras; e a discussão tão animosamente provocada pela Academia, em plena liberdade parlamentar, sem prévia precocitação dogmatica, sem delimitação de programma nem de regulamento, sem aquillo a que os redactores do primeiro Dicionario prudentemente chamaram a *paula*, converter-se-ha rapidamente entre os seus academicos em multiplas questões pessoas, de homem para homem, o que é isso, de douto para douto, o que ainda é peor.

Os secretarios da escripta phonetica, pronunciando cada um ao seu modo, uns como minhotos, outros como algarvios, outros como extremenhos, outros como beirões, estes segundo o dialecto de Miranda, aquelles segundo o dialecto do nosso theatro normal, não deixarão de propor as mais extranhas e desvastradas formas de retrair por meio de phonemas a voz articulada.

Os partidarios da orthographia etymologica pretenderão, como é para elles de justiça, discernir os diversos elementos genealogicos da nossa linguagem, e convidarão fervorosamente os seus conciosos a jocar esses elementos, que ainda que por alto, se podem considerar divididos em elementos phenicos, gregos, euskaros, celticos, germanicos, arabes, hespanhoes, francezes, Italianos, americanos, africanos e asiaticos. Como a Academia não tem por enquanto entre as diversas secções das duas classes do seu instituto uma secção de philologia classica nem de philologia comparada, nem de linguistica, haverá que crear essas secções, com que se hão de formar os jurys dos trabalhos em discussão. Em seguida se nomearão os romanistas, os germanistas, os orientalistas, os africanistas, os hebraicistas, os arabistas e os latinistas indispensaveis para constituir as suggestões secções.

Ora tudo isto me parece criar, para já, uma confusão indeslindavel e insolavel, e determinar para de futuro um moroso processo de reconstituição tecnica, que calculo não poder estar nos casos de fructificar antes da primeira metade do seculo xxx.

Eis aqui no entanto a situação orthographica em que nos achamos:

A orthographia portugueza é a de um povo que parece não ter mais nada que fazer senão puxar para pedante.

Napoléon deixou de escrever com *u* o nome de Buonaparte desde que lhe ocorreu que pela supressão d'essa letra, elle economizava uma assignatura em cada cinco que fizesse. Se da escripta portugueza se eliminarem judiciosamente todas as letras superfluas que n'ella figuram, o lucro de tempo seria enorme, e necessariamente se reflectiria no censo da riqueza publica. O precioso tempo que eu perco a intercalar *cc*, *dd*, *e*, *pp* nas palavras que escrevo, a duplicar *cc*, *dd*, *ff*, *gg*, *pp*, *mm*, *nn*, *rr*, *ss*; a desenhlar *hh* e *yy*, a rever, a emendar, a riscar, a deitar fora ou a metter dentro da escripta letras surdas ou sonantes, aspirantes ou fricativas, labiaes, palataes e dentaes, dava-me no fim do anno para regular a minha vida muito melhor do que a regulo, cessando de vadear pelo dicionario e applicando-me decentemente, como o sr. Tolstoi, a fazer todo o calçado do meu uso.

Se simplificassemos honestamente a orthographia portugueza, como se tem simplificado a allemã, a italiana e a hespanhola, o volume verdadeiramente aterrador dos nossos livros impressos poderia ficar, por meio d'essa bendita e simples reforma reduzido a dois terços d'aquillo que é. Faça-se idéa de que em cada cem livros pouparíamos o espaço, o papel, a tinta, o trabalho da dolragem, o da brochura e o da encadernação, de trinta e tres! Enquanto o systema de escrever não chegar á simplificação completa, que o senso commun reclama, entendo por minha parte que é indeclinavel obrigação de todo o homem de juizo e de proximidade repellido inexoravelmente do seu trato a orthographia existente, pura convenção de pedantes, reles dontrique, asperosamente pretenciosa, presumida, arrebitada, tóla, indigna de gente pratica, séria e bem creada.

Napoléon, Condé, Luiz XIV, Turenne, Richelieu, Madame de Sevigné não tinham orthographia. Fernão Lopes e Luiz de Camões tambem a não tinham. O Marquez de Pombal teria sido ridiculo se a tivesse. Garrett era essencialmente neographo, e escrevia *piqueno* (com *ç*) pela razão de que o *i* dava a esse adjectivo uma graça de exiguidade e um mimo de pequenices a que não se prestava a *e*.

Rebello da Silva alegrava sempre as cartas particulares, em que tinha de repetir a mesma palavra, orthographando-a de cada vez por modo diverso.

Andrade Corvo nunca sobrescreveu uma carta para os Caetanos que não perguntasse aos que tinha perto de si: — Como diao escrevem vocês o nome d'esta rua? E de todas as vezes em que não recebia a informação solicitada, escrevia invariavelmente *Quelmas*, que eu acho que é como realmente deve ser. Por mais que me digam os grammaticos preiro a phonologia de Corvo e a da minha cosinheira, que é agora, em suas epistolas familiares, a unica pessoa incumbida de instruir os vindooiros acerca do modo como a gente pronuncia o nome d'esta rua.

Se me é permitido citar-me a mim mesmo, confessarei sinceramente que comenghei a baixeza de pôr alguma orthographia nos livros que escrevo, mas emvergonho-me d'isso como da grosseria de um calo proprio do meu officio. Nas minhas relações de amizade e de familia abstenho-me quanto posso d'essa affectação, que tenho por irrisoria. Uma carta escripta para casa em correcta orthographia etymologica dá-me a impressão pungente e sincera de um acto de impudicicia litteraria, sobre a qual o erro de orthographia poderia vantajosamente ser chamado a representar o papel honestante da antiga folha de vinha.

Escrever aos que me são caros com letras de apparato, ineiramente esculadas para exprimir o que tenho que dizer lhes, entendo que é em mim um requinte de ceremonial liturgico, tão idiota como o de ir almoçar em familia revestido de mitra e de capa d'asperges.

Não quero dizer que as letras inuteis da nossa escripta não tenham uma ou outra vez aprecivel importancia na expressão morphologica da palavra. Conheci outro'a, na provincia, uma senhora encanada, que escreve d'este modo a um meu amigo: *Haslorothet*? Tão inesperados *hh* davam ao lindo cursivo d'essa dama não sei que vaga accentuação cabalistica e feérica, um ar de profundo e indecifrável mysterio, através do qual como que se sentia solucar um coração rendido, arfar doloridamente uma alma avassalada. Eu mesmo — e não era nada comigo — me impressionei. O meu amigo, natureza imaginativa, d'artista e d'homem de letras, teve um abalo profundo, e respondeu assim: *Heu thambem theodorot!*... No dia seguinte esses dois entes uniam-se por laços mais fortes e mais dozes que os da orthographia, e viveram durante um ou dois annos n'uma d'essas felicidades exacticas, ineffaveis e profundas, que a pura grammatica obtinadamente recusa aquelles que mais lhe querem.

RAMALHO ORTIÇÃO.

O atelier de

Columbano Bordallo Pinheiro

A personalidade artística d'este grande pintor é de tal modo vivaz e complexa, abriga em si uma tão vasta provisão de Sobrio e uma tão intensa acumulação de Vida, que tem sido, desde que surgiu diante das curiosidades críticas d'esta terra, uma perenne fonte de estudos e divagações, de phantasias e de analyse.

Impondo-se logo como todas as formas de produção mental em que uma qualidade divergente do meio obriga o espirito, irremediavelmente, a amar ou a odiar, a obra de Columbano, logo de principio rudemente diferenciada e em luca com a tradição, veio marcar um roteiro novo na pintura portuguesa, inédito porque se não filia em escolas, original porque não foi polarizado por correntes estrangeiras.

Logo aos primeiros esboços, quando arremessou para uma tela as primeiras manchas, aquelles que, como o perspicaz Saint-Beuve, descobrem n'um embryonario estudo os factores que hão-de vir a formar uma forte natureza esthetica, perceberam que se estava, finalmente, diante de alguem, e acudiram em amigas saudações ou em phrases de inflamada esperanza. Já em Paris, como diante de uma impositiva revelação, Rochefort dizia olhando a estreia de Columbano: «le peintre nous fait rire, il vous fera de la peur».

Antagonica e incompreensiva, abalada na tranquilla inercia das ideias feitas, pela tuba fremente do facto novo, a Opinião rugiu e escaubou, arregaçando as mangas: apparecerá alguma coisa que a obrigava a pensar. D'ahi a impaciencia. E extremado o campo, não houve logar para o meio-termo omissivo; ou admiração ou rava. Facto vulgar, de resto, na historia da Arte, esta dualidade de convicções, pois que, injustamente e pelas mesmas causas, extrema o banal gosto do publico da subtil comprehensão da natureza delicada.

A vida artistica de Columbano ficou pois, traçada como uma continua luca, e esse primeiro ameaço nunca deixou de bramir surdamente, robustecendo-o pelo desdem e abroquilhando pelo isolamento. O rude embate começou pela Côr, e foi n'esse campo que Columbano teve de oppôr a mais heroica resistencia, porque já n'esse tempo de adolescente em que a convenção professoral amolda as naturezas indecisas, elle não quiz macular a sua paléta com o arrebicado colorido das tintas convencionas. D'essa primeira sinceridade nasce toda a sua força, n'ella mergulhou a raiz do seu caracter, e sem um desaleitamento, sem uma duvida, vindo com os seus olhos e criticando com o seu cerebro, nada quiz ceder á pureza da sua visão, tirando d'ella a essencia mesma do seu valor. E como conclusão immediata, como o corollario feito d'esta convicta tenacidade, é que Columbano veio a ser, sobretudo e a despeito de tudo, — um extraordinario colorista. Diremos até que é esta a mais bella, a mais radiosa face do seu talento.

Não venho aqui talhar a audacia de um paradoxo diante da cimentada opinião de que Columbano pinta em *grisaille*, põe tons funebres nas faces, laivas de sepulchro na epiderme. Columbano é um extraordinario colorista precisamente porque a côr não é gritadora e convencional exposição dos productos chimicos que se contém nos tubos de venda, coando-se na tela em antagonismos hilariantes, capazes, por certo, de embriagarem a admiração infantil da visão cafrina, mas absolutamente fora da noção que a retina civilisada tem da significação luminosa da Vida.

Para a maioria, educada na beatitude admirativa da missanga, a côr consiste n'uma antinomia vigorosa de tons, n'uma abstracta separação de contrastes, n'uma sara-banda de chispas, como se sobre as coisas constantemente incidisse a brutalidade de um reflector. Pensando na separação chromatica, esquecem a fusão reciproca dos tons extremos que mais ou menos se



Columbano Bordallo Pinheiro

atenuam n'uma luz de atelier, que tão bem se casa com a doce harmonia compositiva: esquecendo o momento da luz e a verdade objectiva do modelo, pontificam a victoria das anilinas.

Ora a côr de Columbano, livre da dureza dos contornos, é imponderavel como a propria luz, corre como uma divina onda de creação, modelando os torsos, fremendo nos seios, vibrando na contracção dos musculos, condensando-se em prece, em sorriso, em desejo. Diaphana e forte como um halito fecundante, ora tem uma virgindade matinal, ora a mysteriosa aniedade de um sonho.

D'aqui a sedução dos seus retratos, a magia d'essa galeria de almas, a parte mais profunda da sua obra, discutida ainda hoje, mas que fara no futuro a gloria da nossa arte e a riqueza dos nossos Museus. D'ahi, logicamente, a sua superioridade na pintura do nu, as suas carnações em que palpitam desejos, essas epidermes não amortalhadas em friezas betuminosas, mas soerguendo-se em haustos, beijadas pela luz como uma das mais nobres formas da sua condensação. Tem materialidades olympicas e espirituallidades christãs. O

seu quadrinho *Magdalena*, em que a peccadora biblica ascende para a visão do seu noivado mystico n'uma tão perturbante aniedade, parece arquejar em voluptias celestias, como se fosse arrancada á mais tormentosa pagina dos *Exercicios Espirituales*. E todos se lembram dos torsos das *Tagides* no famoso quadro do *Camões* e em que uma *nympha*, mão em palla sobre os olhos, de longe chama outras das profundezas glaucas do oceano ou das brumas longinquo do horizonte, tão aerea, dir-se-ia um beijo da onda, como flôr da espuma baloiçando-se prestes a dissolver-se aos borrios da vaga...

Como pintor de retratos, Columbano é grande em todos os tempos. E' vulgar dizer-se que as suas cabeças são feitas por um processo critico, litterario, querendo o pintor reproduzir, determinadamente, nos traços dos seus personagens, a significação exterior de uma obra. D'ahi o começar-se a fazer uma grotesca divergencia entre uma categoria de retratos a que chamam, pomposamente, *psychologicos*, em contraposição com outra ordem de retratos, a que denominam, humildemente, *parecidos*. E' isto bysantinizar o processo simplissimo de Columbano. Elle não tem uma preconcebida theoria para fazer *psychologia* por um arranjo combinado de efeitos e de tons, de deformações e de man-



Magdalena

chas, um *parti-pris* de alterar propositalmente o desenho de uma cabeça, as linhas de uma face, para modelar, criticamente, uma personalidade interior.

Essa vida, essa mentalidade exteriorizada obtêm-n'a Columbano pelo processo ingenuo da sua pintura, pois que o seu poder de visão é tão profundamente perspicaz, gisa tão intimamente a imperceptível ganma dos movimentos musculares, que a alma do retratado como que sae á pelle, por esse irreductível poder de apprehensão em que consiste aquillo a que nos grandes artistas se chama — genialidade.

Vejá-se essa enorme variedade de cabeças, estude-se essa infinita e pululante galeria de intellectuaes, a diversidade das attitudes e do gesto, o olhar de revolta ou de resignação, a bócea em cujo traço callea a amargura ou se vinca a ironia desde o retrato de Anthero, que olha de alto com a defidada tristeza da immortalidade, até ao de Eça de Queiroz que parece verrumar a Vida Contingente, e digam se essas telas não hão-de passar do desdem actual para consagrações immorreiros da Grande-Arte.

Porque é preciso accusar aqui um facto que põe em fuga essa pueril noção de que com a mesma tinta serosa Columbano pinta a variedade dos seus typos phisonomicos. Claro que é preciso uma retina sábia, e não de barbaro capaz de só archivar a violencia das côres extremas, para distinguir a subtilidade do grão de pelle; quem olhar sabendo ver, lá encontrará farta colheita de temperamentos, os plethoricos e os lympháticos, os morenos e os loiros.

E se da impressão geral da mancha se descer a uma dissecação mais intima, ver-se-ha que esse poder de notação lhe dá uma agudeza que vae até á crueldade, despindo a pompa das apparencias e as voluntarias contrações da máscara social. Fazendo pintura, archiva psychologia, apainelando esthetica, poisá figuras para a Historia.

Estudando se a obra de Columbano através dos seus retratos, das



Cabeça de velho

suas composições, dos seus deliciosos interiores, sente-se que um laço intimo o prende e o domina, especie de *leit-motiv*, que em todos fere uma nota dolorida de violino, trama intima, subjectiva, que explica, com lucidez, não só a forma do seu talento, mas as modalidades da sua visão da vida.

Columbano é um melancolico, uma natureza concentrada e sensível a quem as asperzas da vida determinam pungitivas recusões, sujeito a illuminações bruscas de enthusiasmo e inesperadas quedas de vontade. Participa da raça pelo intensivo arremesso de audacia, logo exgotado em desesperos surdos. Timido, perplexo, tendo, como todos os artistas, um pouco da natureza feminina, embraça-se em paragens interrogadoras diante da acção, em duvidas que lhe attenuam o esforço, — chocando-se tudo isto n'um fundo vivaz e resistente de apaixonado que lhe tem conservado a linha indomavel do seu caracter artistico.

D'aqui a sua espontanea tendencia para todas as composições em que a acção não brame com a furia accessa de uma convicção barbara, mas a que uma serena compostura dá nobres attitudes ao gesto, prégas ricas ao pannelamento, — todas aquellas em que os personagens, longe da

arena rude e recolhidos ao seu mundo interior, meditam ou sonham, imaginam ou soffrem. É que ali a energia é toda interior, é que nos seus typos a refrega é toda de idéas.

Quando Columbano pinta batalhas, sente-se que o braço do luctador não é alimentado por uma irremessivel vontade, os musculos não se titanizam sob a colera bruta, e mesmo levantando o arcabuz ou enristando a lança, em Ormuz ou em Ceuta, o aventureiro parece um momento recolher-se para pensar — se valerá a pena o arremesso, se não será superfluo o sacrificio.

Mas logo ao pé, como a cabeça de Albuquerque n'esses maravilhosos tectos do Museu de Artilheria, se concentra um alto imaginario, sonhando as maravilhas de um imperio; como o *terribil capitão*, fin



Columbano no seu atelier

cado na attitude soberba da sua força e nas rijas amarras da sua fe, olha sob a immortal desdem, succumbindo já, n'uma indivisível tristeza sob a injustiça dos homens, mas arquejando ainda sob o broquel do seu peito caldeado — secco, de ordens breves, parece que vai proferir phrases duras e concetuosas, vibrantes como o adamus, timbradas como uma estrophe. Sahuu perfeita das *Lendas da India*, é uma das mais integras cabeças de Columbano e aquella em que o genio mais illumina a fronte condensando-se como o fluido encarcerado dentro de uma garrafa de Leyde.

Os panceamentos d'estes quadros e de todos os que lhes ficam em volta fazem de Columbano um emulo dos grandes gothicos, e a delicadeza dos tecidos, o brilho das sedas, a luminosa orisação dos brocados, descem pela tela n'uma cataracta de sons triumphaes, cantando como um hymno por manã de sol e dando ao conjunto uma harmonia de cores voluptuosas e rica.

Columbano tem feito ultimamente uma serie de pequeninas obras primas, quadrinhos de genero que elle trabalha com devotado amor e que são aquelles em que a sua emoção mais se sente dentro da torre-de-marfim que todos nós temos cá dentro; levado pela sua sensibilidade para os assumptos em que uma avelludada melancolia attenua a hostil brutalidade das coisas, suavia estas lindas composições com os toques delicados de uma realidade poetica.

Nostalgico como todos os artistas, amando do passado o alindamento das existencias em permanente contemplação do objecto de Arte, talhado com amor desde uma chave de porta arrancada ao ferro rebelde por um serralheiro humilde ao fausto de um trajo de grão-senhor passando sob a magestade de um portico, sente-se afastado do mundo moderno e da ingenta fealdade dos seus arranjos, arripado sempre sob a crueza implacavel da luz que recorta o gosto contemporaneo. E assim vai, carregando com a sua chimera, para a magia dos seres interiores, que tanto fazem lembrar, pela macia luz nimba, os recatados interiores hollandezes do seculo XVII em que uma tonalidade loira para e canta como se fossem vistos por pupilla de ambar.

E para estes quadrinhos de genero, por certo os que mais se casam com o delicioso colorido e a diaphaneidade luminosa de Columbano, que o seu pincel quasi se espiritualisa, poetisando amorosamente as linhas e fazendo evocações de existencias feneccias que voam à nossa imaginação como borboletas de sonho, fazendo-nos recordar existencias palpitando ainda em nós sob mal apagadas cinzas...

São cabeças em perfil perdido n'uma meia luz de recanto amado, em cuja penumbra apenas uma concha de orelha se ruborisa sob um fluido alpendre de cabellos loiros; velhinhas em cujo

olhar boceja um riso de maliciosa bonhomia; burguezinhas archaicas olhando cabazes de fruta outomniça em que parece nadar, como uma aureola, a graça convalescente de uma estação que se esmaece.

E para este supra-sensível encanto, dir-se-ia que as tintas, cadaverisadas nos tubos como em sarcophagos de estanho, se dynamizam, vitalisadas por uma voz de milagre, parecendo que sobre a sua inercia passou o hálito do Deus-Creador. A luz irrompe como n'um mytho, fluidificando a mancha, tornando-a quasi psychica, e á maneira da matinal claridade que



[A chavena de chá]

lentamente sae dos negrumes de uma noite tormentosa, nivela a face, aloura o cabello, põe chimeras no olhar, golphões de esperança na anciedade dos seios e ascende em côro triumphal como se se desprendesse, n'uma apotheseo sagrada, das fontes mysteriosas da Vida.

Fevereiro de 1900.

JOÃO BARREIRA.



A velhice é o horizonte da vida e da morte; o horizonte onde se junta a terra com o céu, e o tempo com a eternidade. Que resolução pode haver mais bem aconselhada, e mais digna da madureza d'umas cãs, que dedicar á contemplação da mesma eternidade aquelles poucos dias, e incertos, que pode durar a vida?

O melancolico sonha coisas tristes e tragicas, o sanguineo sonha batalhas e festas, o colerico sonha guerras e batalhas, o fleumatico creio que não sonha, porque não vive.

No Paraiso havia uma só arvore vedada, no mundo ha infinitas. Tudo que veda a lei natural, a divina e as humanas; tudo que prohibe a razão e condemna a experiencia são arvores e frutas vedadas.

P. ANTONIO VIEIRA



Amanhã!

Como eu espero ansiosamente a carta que me deve falar de ti, querida! Traza ella a morte, ou nella venha a vida, hei de, uma vez e com mil, beijar-t'a!

O meu olhar jamais de ler se farta o que diz a tu'alma entristecida. Contas que a ausencia longa te intimida... Tanta ventura, diz, como pagar-t'a?

Inda amanhã! E devo'inda esperar a tantas horas sem fim, horas sombrias, horas de magua que nenhuma iguala!

Nella um riso? uma angustia? que me envias? Antes que possa, emfim, lê-la e beijar-a, quantas dores e quantas agonias!

Rio Grande do Sul — 1900.

A. Rodrigues,



Retrato do dr. Trindade Coelho



O atelier de Columbano Bordallo Pinheiro

DONA GUIOMAR

BALLADA MONORIMICA

A Augusto de Castiño

Dona Guiomar é branca e triste
Como uma noite de luar.

Tem os cabelos cõr de treva,
Os olhos tem da cõr do mar.

Leva chorando noite e dia...
Ninguem a pode consolar.

Vive tão só! Vive tão triste
Que terá Dona Guiomar?

Assim porque toda de luto,
Sem arrecadas nem collar?

Que espera sempre no mirante
Do seu castello á beira-mar?

Dona Guiomar é branca e triste
Como uma noite de luar.

Plangora baixo um alaúde,
A solarenga vae cantar:

*Não chegou, Madre, o meu amigo,
*Porque fugiu o perjurado?
*Ay! Madre, moyro d'amor!

*Não chegou, Madre, o meu amado!
*Porque mentiu o fementido?
*Ay! Madre, moyro d'amor!

*Não chegou, Madre, o meu Senhor!
*Porque mentiu o perjurado?
*Ay! Madre, moyro d'amor!, (e)

É tão saudosa essa cantiga
Que faz a gente soluçar.

Até as cordas do alaúde
Parece que 'stão a falar.

Ai! Solarenga de olhos verdes,
Quem te mandou assim amar?!

Já sete annos são passados,
E Dom Fernando sem voltar!

Que anda fazendo Dom Fernando
Ha tanto tempo no alto mar?

Foi descobrir velhos thezouros,
Foi novas terras conquistar.

Barricas d'ouro e pedrarias
Ha de trazer quando voltar.

Dona Guiomar, toda de branco,
Com elle então ha de casar.

Dona Guiomar é branca e triste
Como uma noite de luar.

Ricos fidalgos namorados
Batem á porta do solar.

Lorigas trazem de velludo
Esporas d'ouro a tilintar.

Mas a donzella, indifferente,
Nem para elles quer olhar.

Ai! Solarenga d'olhos verdes,
Quem te mandou assim amar?

E assim passando vão os annos,
Annos de amor e de folgar.

Na solidão triste das aguas
Nem uma véla a branquejar.

É voz geral que Dom Fernando
Ha tempo já, morreu no mar.

Mas a donzella, triste e branca,
Não quer, não pode acreditar.

O velho conde, de alvas barbas,
Coitado, leva a suspirar.

Vé quasi morta a sua filha
E sem linhagem vae ficar.

Ai! Solarenga d'olhos verdes,
Quem te mandou assim amar?...

Nem uma véla no horizonte,
Sempre deserto o vasto mar!

Pelas muralhas do castello
Escorre o pranto do luar.

E a onda a bater soturnamente
Na voz d'um orgão faz scismar.

Parecem dois lyrios defuntos:
As mãos de Dona Guiomar.

O seu cabelo tão escuro
Já principia a pratear.

E os olhos lembram, moribundos,
Círios accessos ao luar.

Nem uma véla no horizonte,
Sempre deserto o vasto mar.

Dizem que a moça branca e triste
Como uma noite de luar

Ficou ali no seu mirante
Até morrer fitando o mar;

E que inda hoje, ás horas mortas,
Pelas ruínas do solar,

O seu phantasma gemebundo
Anda saudoso a doudejar...

Ai! Solarenga d'olhos verdes,
Quem te mandou assim amar?

Bahia — 1900.

EGAS MONIZ DE ARAÚJO
(Pothion de Villar.)

Celestino de Menezes e Luiz Duprat



Celestino de Menezes e Luiz Duprat

Ligados por amizade inalteravel, justo é que demos em grupo estes dois homens, que, longe do seu paiz, tão bizarramente representam o velho Portugal. Já n'este mesmo logar nos referimos a Celestino de Menezes, o distincto funcionario que em Pernambuco reside como consul portu-guez.

Resta-nos apresentar Luiz Duprat: vive Luiz Duprat ha trinta e cinco annos n'aquella cidade, onde tantos serviços prestou que, pelo nosso governo, foi agraciado com a comenda de Christo. Filho do celebre advogado Luiz Duprat, mal terminou os seus estudos, em Lisboa, partiu para Pernambuco.

A casa Amorim Irmãos teve-o como empregado durante dezeseite annos.

Em 72 foi eleito gerente da *Phenix Pernambucana*, companhia de que é um dos directores e a que tem dado grande desenvolvimento. O *Banco de Crédito Real de Pernambuco*, a cuja direcção pertence, deve muito á sua prudencia e orientação intelligente.

Tendo sempre vivo no coração o amor pela sua patria, Luiz Duprat nunca perde o ensejo de ser util aos seus conterraneos, e não ha obra de caridade a que o seu nome não esteja associado. A Associação Commercial Beneficente, o Hospital Portu-guez, e outras instituições, podem bem attestar o que seja este espirito altruista, e esta alma de velho portu-guez sempre aberta a todos os sentimentos generosos.

O Theatre moderno dos scandinavos (1)

"Da mesma cajadada, ficava-se tambem sabendo que J. J. Baggesen (o auctor das *Cartas dos espectros*), já anteriormente levantara uma campanha semelhante contra o grande poeta de *Axel e Valborg* e de *Hakon Jarl*. Muitas outras cousas uteis de saber para um critico se aproveitavam na leitura d'aquelles escriptos. Apprendia-se, por exemplo, que um critico de cunho é obrigado, em nome do bom gosto, a escandalizar-se com qualquer hiato. Se os jovens criticos encontravam nos versos algum d'aquelles monstros, podiamos ter a certeza que esses *Jeronymos Christianios* exclamariam, como o personagem de Holberg: *Com a bréca!, o mundo não dura até á paschoa!* E então, n'esse tempo, a critica da capital norueguesa tinha ainda um predicado especial, sobre cuja origem não conseguí, por largo espaço, orientar-me, a saber: sempre que um novel escriptor publicava um livro, ou apresentava uma peçazinha em scena, os nossos criticos costumavam romper em explosões de colera indomaveis, e portavam-se como se o livro publicado ou a peça representada fosse um gravissimo insulto a elles, e aos jornaes em que escreviam. . . . "Tal era, ou approximadamente, o estado do tribunal que emprenhava julgar a *Festa em Solhoug* na imprensa diaria, á face da critica. Compunha-se, na maior parte, de rapazes novos que, em materia de critica, viviam de emprestimos.

"As suas apreciações haviam sido, muito antes, concebidas e pronunciadas por outros; as opiniões haviam apparecido formuladas em qualquer outra parte. As suas theorias estheticas eram totalmente emprestadas; emprestada era a tactica da polemica por elles adoptada, — do principio ao fim, até nos mais insignificantes pormenores. Inclusive a disposição do espirito, tambem era emprestada.

A *Festa em Solhoug* encontrou-se, na origem, com outro drama de Ibsen, HERMANNENDE PAA HELGELAND (*Os guerreiros de Helgeland*), e ambos disfructam igual popularidade dentro e fóra dos paizes escandinavos. O segundo, nomeadamente, vertido com o titulo *Nordische Heerfahrt*, occupa lugar effectivo no repertorio dos principaes theatros allemaes.

A historia d'estes dramas é instructiva e interessante, tanto mais que a assignala o cunho da mais genuina authenticidade, por emanar do proprio auctor, minucioso em descrevel-a. (2)

Vejam os.

Para compôr o drama *Fru Inger til Ostraat*, a que acima nos referimos, foi mister ao auctor reconstituir a epoca da acção, — a Edade Media norueguesa, especialmente o periodo mais proximo dos tempos modernos. Viu-se, pois, obrigado a compulsar os documentos historicos e litterarios afim de se familiarisar com os usos e costumes, de assimilar a maneira de sentir e de pensar d'aquella gente, e até as formas de expressão verbal.

Não encontrando na historia d'aquelle periodo abundancia de assumpto prestavel para os moldes theatraes, passou de prompto para o campo da *saga* propriamente dicto. Porém as *sagas* de réis, e em geral, as tradições historicas d'eras tão remotas, tambem não o captivaram. O seu estro dramatico, n'aquelle momento, não se inflamava com as disputas entre réis e chefes, entre partidos e sequazes. Não succedeu outro tanto, porém, com as *sagas* de familias islandezas. Ahi deparou-se-lhe copioso o material apropriado para encarnar os impulsos d'alma, os pensamentos, os principios que o dominavam então, ou se lhe antolhavam com maior ou menor clareza. D'essas chronicas de familia com seus multiplices conflitos e tão variadas relações entre simples creaturas, viu destacar-se uma vida pessoal, animada, ampla; e do convívio com esses caracteres singellos, individuaes, concentrados, brotou-lhe no espirito o primeiro esboço de *Os guerreiros de Helgeland*, ainda tosco e incerto.

Os vultos que primeiro lhe saltaram á vista foram as duas mulheres que deram depois origem aos personagens Hjórdis e Dagny (3). Tambem lhe occorreu a idéa de incluir na peça uma scena de banquete com discursos provocantes e um brinde fatal. No resto, aproveitava dos caracteres e do embate das paixões tudo quanto lhe parecesse mais typico do viver do tempo das *sagas*. N'uma palavra: queria reproduzir, sob forma dramatica, o que na *saga* de *Volsung* fóra moldado na épica.

N'essa occasião, não gizou o auctor um plano completo, definitivo; não vacillava porém na convicção que, terminado o drama que trazia entre mãos, seria aquelle o primeiro que lhe sahiria da penna.

Varias circumstancias insinuaram-se, todavia, de permeio; a mais decisiva talvez, de natureza pessoal; mas o estudo aturado da collecção de *Cantos populares noruegueses*, de Landstad, em que o auctor se embrenhou, não foi, tambem, de somenos importancia. A disposição em que então se encontrava a alma de Ibsen compadecia-se mais com o romantismo litterario da Edade Media, do que com os factos nus das *sagas*; adaptava-se melhor ao verso, ao elemento musical da linguagem dos cantos heroicos, do que á prosa, ao estylo caracteristico da *saga* (4).

Assim foi que o esboço informe da tragedia *Os guerreiros de Helgeland*, se transformou provisoriamente no drama lyrico *A festa em Solhoug*; de Hjórdis e Dagny, os dois caracteres femininos da projectada tragedia, sahiram as irmãs Margit e Signe da *Festa em Solhoug*. Quem observar a *saga* com attenção, facilmente reconhece o tronco d'onde descendem. O ar de familia é manifesto.

O viking Sigurd, protagonista da tragedia, — n'aquelle occasião apenas superficialmente delineado, — um chefe que viajára por longes terras, bem acolhido nas côrtes dos réis, transmudou-se no cavalleiro cantor Gudmund Alfson (5), o qual por largo tempo igualmente percorrêra paizes extranhos e vivêra na côrte do monarcha. A situação de Gudmund relativamente ás duas irmãs foi alterada d'accordo com a diversidade de circumstancias e de conjuncturas; porém a situação das duas mulheres para com Gudmund conservou-se, na essencia, a mesma da tragedia primitivamente planeada e posta mais tarde em execução.

A festa fatal, a cujo desenho Ibsen ligava tamanha importancia no seu primeiro esboço, tornou-se, no drama, em ponto de reunião dos personagens. Forma o fundo do qual a acção se destaca em côres vivas e dá ao quadro total o tom que o auctor tinha em mente.

Como se tratava de um drama e não d'uma tragedia, o final foi adequadamente suavizado. Não obstante, talvez no desenhado transpareça algum traço tragico mal apagado, a denunciar a origem da peça.

Em ambos adoptou igualmente o auctor as antigas formulas do romantismo, em tudo extranhas aos processos encetados em *Uma casa de bonecas*, e requintados no *Pato bravo*, na *Mulher do mar*,

no *Solness*, e outras produções caracteristicas da escola ibseniana pura.

Approximando novamente os dois reformadores, Ibsen e Wagner, assentamos, no caminho evolutivo das theorias do mestre escandinavo *A festa em Solhoug*, — ha pouco transformada em opera com musica de W. Stenhammar, — e *Os guerreiros de Helgeland*, em frente dos marcos milliaris onde o heroe de Bayreuth inscreveu *Rienzi* e *Der fliegende Holländer*. Assim, *Kortlighedens Komædie* (A comedia do amor) seria o *Tannhäuser* de Henrick Ibsen, como *Uma casa de bonecas* emparelharia com o *Lohengrin*, e *Johu Gabriel Borkman* com o *Parsifal*.

Vamos narrar o entrecho da *Festa em Solhoug*, não só afim de realçar a feição da primeira maneira do nosso dramaturgo, como tambem para fixarmos um ponto bem visivel que nos facilite o medir as distancias entre as tentativas vacillantes e os diversos estadios da evolução do drama escandinavo moderno.

Margit amava seu primo, o menestrel Gudmund Alfson, que lhe promettera a mão de esposo; eram, porém, ambos pobres, e Gudmund não acabava comsigo offerecer aquella que adorava do intimo da alma, uma existencia precaria sem esperanza de melhoria em futuro proximo. No intuito de illustrar o seu nome e conseguir os ambicionados bens de fortuna, ausenta-se da patria em serviço do rei.

(Continúa.)

FREITAS BRANCO.

(1) Continuação do n.º 24. N'este mesmo numero, na legenda da gravura, deve ler-se *Solhoug* em vez de *Salkoug*.

(2) No prologo da 2.ª edição da *Festa em Solhoug*, escripto em Roma, em abril de 1883.

(3) Os dois principaes personagens femininos de *Os guerreiros de Helgeland*.

(4) *A Festa em Solhoug* é em verso; *Os Guerreiros de Helgeland*, em prosa.

(5) A par de Bangt Gauteson, os dois personagens masculinos mais importantes da *Festa em Solhoug*.

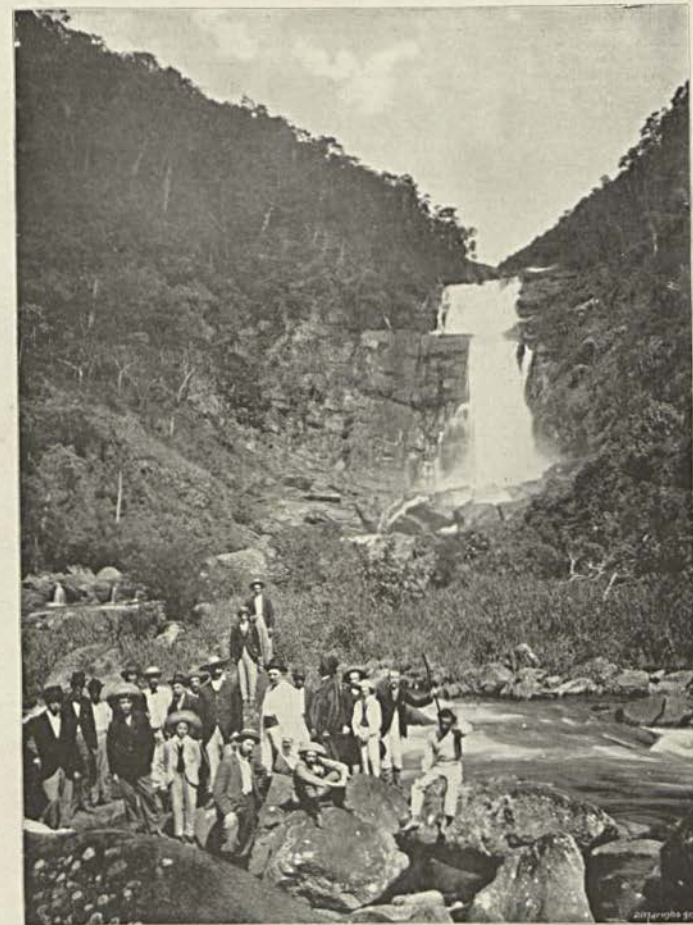


Grimstad, cidade da Noruega onde Ibsen, então praticante de pharmacia, escreveu o seu primeiro drama *Castiva*

RIBEIRÃO DAS LAGES

As cachoeiras do Ribeirão das Lages, ficam a 4 horas do Rio de Janeiro e, pela sinuosidade dos caminhos, a 9 kilometros de S. José do Bon Jardim, arraial situado n'um circulo de montanhas muito verdes e muito altas que o resguardam de qualquer ventania.

Depois de se contornar varias montanhas e se transpor uma mata sombria e espessa, é soberbo o espectáculo que se estende á vista, em face das grandes massas d'agua, primeiro a despenharem-se d'uma altura de 30 metros, depois de 30 e por ultimo de 10. Na base da pedra gigantesca, por onde a agua se precipita na ultima queda, ha uma grande bacia de 30 metros de profundidade, de onde saltam grossos chuviscos n'um raio importantissimo. Em seguida a esta ha outras duas bacias formadas de enormes pedregulhos e onde a agua, apesar da sua menor força, pode contudo arrastar um homem na sua carreira.



Tem igualmente uma escola publica onde todos podem ir buscar a luz do espirito para mais tarde com ella alcançarem maiores proveitos na vida.

Finalmente, as cachoeiras do Ribeirão das Lages, destinadas pela natureza e pela boa vontade e energia dos srs. Reid & C.ª a serem uteis ao commercio e á industria, são um dos pontos mais interessantes e dignos de ver-se por todos quantos admiram espectaculos verdadeiramente nobres e imponentes.

A agua, despenhando-se com turba e em rolos de nivea espuma, tem bramiados de desespero e contorções de raiva, que obrigam ao temor, que obrigam ao respeito. E é na imponencia de tal espectaculo, na grandezza do seu temor, no agigantado rumor surdo da sua coiera que se buscam preciosos e importantissimos elementos para que a sociedade adiante mais um passo no caminho da civilização e do progresso. Circundando a cascata, enormes montanhas se observam, como timidas testemunhas ao desespero das aguas que, apesar do seu furor selvagem, tambem as vão banhar, para lhes darem a mais luxuriante vegetação, disposta e matizada com a arte suprema da natureza.

O Ribeirão das Lages é um panorama altamente soberbo e que, pela sua magestade e imponencia, consegue gravar no espirito recordações que se não apagam.

As cachoeiras do Ribeirão das Lages vão ser aproveitadas, durante 50 annos, pelos srs. William Reid & C.ª, como força motora de machinas que tem de produzir electricidade, gerada por força hydraulica, conforme a concessão feita áquelles senhores pelo poder municipal.

A captação das aguas está situada a 340 metros acima do nivel do mar e percorre cerca de dois kilometros até á primeira queda, em que serão assentes as uzinas de onde partirão os fios conductores. O sr. Reid que, por preço altamente razoavel, comprou as cascatas e seus respectivos terrenos, pretende perfurar um tunnel para melhor canalisar as aguas do ribeirão. Essas obras serão começadas após a assignatura do contracto com a municipalidade, ou dentro do prazo de seis meses que está facultado aos concessionarios.

A cachoeira na maior epoca de secca dispõe de um volume de agua que lhe dá uma força superior a dezoito mil cavalios effectivos.

E a cascata do Ribeirão das Lages o que a nossa gravura representa, na occasião de ser visitada por varios jornalistas, a convite dos seus proprietarios, sendo n'essa occasião representado o *Brasil-Portugal* pelo seu agente no Rio de Janeiro o sr. José Martins Pollo.

S. José do Bon Jardim, do municipio de Pirahy, Estado do Rio de Janeiro, onde se encontram as cachoeiras, tem uma pequena população que vive exclusivamente da agricultura e tira da terra todos os elementos necessarios á sua manutenção. Ali cultiva-se o café, a mandioca, todos os cereaes e a canna de assucar, e, no dizer dos proprios habitantes, a terra é muito ubere e só não produz no mez da preguica, que é quando se não planta. As casas ali existentes são dispostas em semicirculo, formando uma larga praça, occupada ao fundo por uma igreja consagrada a S. José. Essa igreja tem proporções demasiadas para o numero de habitantes do arraial, o que lhes recommenda mais a fé que o proprio adiantamento nos diversos ramos da actividade humana.

FATIMA

Scenas d'Africa

I

— Tu não imaginas, Fakir, como tenho o coração oprimido e a cabeça desvairada, desde que ouvi as tuas revelações. Ando doído, e a offensa que me fizeram requer castigo severo que ha de ser regado com sangue.

— Mas dize: tens certeza da accusação que fazes? Viste com os teus proprios olhos ou ouviste dizer?

— Tenho certeza, meu amo. Eu não usaria mentir-vos, nem tão infame seria que quizesse inventar factos de tamanha gravidade. Sou o vosso mais antigo servo, tenho-vos infinita amizade, e é meu dever ser-vos útil sempre e fazer-vos todo o bem que possa.

— Agradeço-te do coração, e creí que em mim tens um amigo leal para toda a vida. Mas olha, Fakir, é preciso termos uma conferencia esta noite. Vem ao meu encontro nos degrãos da mesquita em sendo 10 horas.

E n'esta mesma noite foi traçado um plano secreto entre os dois.

No dia seguinte dizia Abd-Allah Sahid á sua mulher:

— Sabes, Fatima? amanhã muito cedo devo partir para Fernão Veloso em serviço importante, que grandes lucros nos ha de trazer. Arranja as coisas para uma viagem de doze a quinze dias, que tanto por lá me poderei demorar.

— Ficará tudo preparado, meu amigo, e faço voto a Allah para que o negocio nos corra propicio.

— Tenho fé que tudo irá a nosso contento.

Ao romper do dia immediato Abd-Allah Sahid despedia-se da esposa e sahia para a sua digressão, levando em sua companhia o velho e fiel Fakir.

II

— Remae, remae, marinheiros, que tereis boa recompensa! Vergae esses remos, devorae o espaço, que desejo chegar a toda a pressa ás praias da Caboceira.

Fallava assim um mancebo que guiava o leme d'um bote que acabava de sahir da ilha de Moçambique.

— Eram quasi 9 horas da noite, e a lua, ainda nova, reflectia como que a medo os seus clarões suaves sobre as quietas aguas do mar.

— Então? que friesa, marinheiros! remar, remar com força!

E os vigorosos braços de dois escravos negros faziam correr o barco com a velocidade do raio.

Remaram, remaram, e em menos de um quarto d'hora já se distinguíam as casas da Caboceira.

— Agora, devagar, marinheiros! Remae brando, que é preciso atracar sem ruido.

Parou o bote defronte d'um vetusto e corpulento baobab que se erguia junto da prala. O mancebo que guiava o leme, saltou em terra, depois de ter dado as suas ordens aos marinheiros, que se afastaram do sitio sem demora.

Caminhou direito para a arvore secular, junto da qual se diviava um vulto de mulher.

A lua, ainda nova, ia declinando para o poente, ficando só as estrellas a illuminar a terra com os seus reflexos pallidos e tremulentes!

— És tu, Fatima?

— Ah! seja bem vindo, senhor! Fez-me esperar tanto, que cuidei que não vinha.

— Tivesse que transpôr o inferno, fazia-o só para te vêr, formosa! Perdôa, se te fiz esperar. Tarde recebi o teu aviso, e ainda assim tive que vencer não poucas difficuldades

E sentiu-se o ciclar de um beijo demorado, e d'outros, acto continuo.

— Teu marido está ausente?

— Sahiu para uma viagem de quinze dias, pouco mais ou menos.

— Vamos ter noite de venturas, minha linda!

— Talvez. Mas não sei que sentimento funesto me diz que ha de vir a desgraça firmar os nossos amores.

— Nem pensar n'isso. Tens-me a teu lado para tudo. Mas podem encontrar-nos aqui. Vamos á tua casa.

Em seguida estreitou contra o peito a gentil mahometana.

De repente, junto ao grupo dos dois amantes, surgiu o vulto de Abd-Allah Sahid, que, arrancando do cinto o seu luzente kandjar, foi-o desapparecer no peito do amante da sua esposa, o qual estava já seguro por Fakir.

O golpe fôra tão firme e certo, que o mancebo cahiu exanime por terra.

Descravando o ferro do peito do pobre moço ia para enterrall-o no da infeliz Fatima, mas viu que Fakir de joelhos seguira-lhe as mãos, dizendo:

— Perdão para ella, meu amo. Se precisas de mais sangue mata-me a mim, mas não a ella. Se ao vosso orgulho offendido repugna viver com a mulher que vos atraicou, entregue-a á mãe e não cuideis mais d'ella. Mata-a não, meu senhor!

— Só tu é que podias salvar-a. Agora, leva-a á casa da mãe e dize-lhe que não quero em minha companhia mulher que vende a honra a christãos, esquecendo-se dos seus deveres. Que a maldição de Allah caia sobre a sua cabeça! Ah! se soubesses, Fakir, o que me vai aqui dentro do peito! Vai, acompanha essa infame, a quem em hora antiga o Misericordioso concebeu a belleza, e volta aqui sem demora.

Dahi a pouco voltava o fiel servo, e o cadaver do mancebo christão era arrojado ás aguas do mar.

Tres dias depois Abd-Allah Sahid seguia para Nossi-bé n'um pangaio arabe que fretara.

III

Tristes, amargurados corriam os dias para a pobre Fatima, que a pouco e pouco ia perdendo aquella perigrina belleza, assim como a flor que é fustigada pelo rigor do inverno desabrido. E formosissima era na verdade a joven agarena. Os cabellos, negros como azeviche, desciam-lhe em ondas até ao pescoço alabastrino; os olhos eram vivos e scintillantes como os das filhas da Andaluzia; os labios de lacre tinham seduccões indiziveis quando se abriam n'um alegre sorriso... Era emfim uma belleza d'essas que arrebatam e prendem irresistivelmente.

Os desgostos minavam-na com severo rigor, e a mãe, cheia de cuidados, mal pensava que era a pthysica — a doença terrivel e sympathica ao mesmo tempo — que ia adelgaçando o fio da existencia d'aquella desditosa creatura.

Um dia, conversando com a mãe, lembrava ella as scenas da sua existencia, quando uma lufada de sangue a fez emmudecer. Depois, volvendo um olhar á mãe, todo meiguice e doçura, disse ainda, com a voz abattida e que tinha tudo da tristeza dos tumulos: "Fui muito infeliz, minha mãe; mas o meu marido foi cruel de mais. Sei que tenho o vosso perdão, e sei tambem que Deus me ha de perdoar, pelo muito que tenho padecido... Voltou o rosto para o lado contrario, e não disse mais nada, porque a morte cerrára-lhe os labios!

Fakir, que desde algum tempo andava pensativo e melancolico, quando soube da morte de Fatima, endoideceu por completo. Passava os dias a fallar a sós, a desprender ruidosas gargalhadas, a saltar pelas ruas, magro, esquelido, semi-nu. A' noite, ia sentar-se n'uma rocha ao pé do baobab que fôra a muda testemunha d'aquelle drama de momentos, e ali, a sós, passava horas esquecidas a cantar... a cantar...

Moçambique — 1890.

Campos Oliveira

BAHIA — Entrada da barra



Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Conselheiro
Augusto de Castilho
SOBRE O MAR

Valsa
Vivo

Julio Moutinho
Porto, Janeiro-1900

Introdução

rit.
m.g.
p
crescendo *animato*
dim. rit. p. a tempo
8^{va} Fim
ff *dolce* *pp*
Ped. *cres.* *dim.*
Ped. *Da Valsa* *ao*
rit.
1.^a vez *2.^a vez*
Da Valsa
P. Moutinho

NOTAS DA QUINZENA



ESTA é a chronica da Pinhata. Para quem não souber o que isto quer dizer, convém explicar que a Pinhata é hoje, entre nós, como ha muitos annos o era já, em Hespanha, a festa que promovem, no domingo seguinte ao Carnaval, os pandegos que não se deram por contentes com o regabófe seguido de tres dias gordos e de tres noites ainda mais gordas. A Pinhata é uma festa rija, de rebeitar a hexiga e levar tudo raso, uma d'estas festas em que o melhor que ellas têm é o esperar por ellas, tal o estado de consternação em que ao depois se fica. A Pinhata é, principalmente, um grande baile de mascarar, mas ao fim do qual todos levantam a mascara, e se dão a conhecer, indo acabar a noite, e, muitas vezes, indo acabar o outro dia, nos gabinetes reservados dos melhores restaurantes, em más companhias, quando o acaso não quer que tudo isso acabe nos calaboiços do Governo Civil, em companhias muito peores ainda.

De quem vae á Pinhata só se salva quem foi prudente e se mettu em boas companhias, d'estas que deixam passar alguns dias sobre as folias do Carnaval para fazerem o dividendo dos seus lucros, de maneira a não restar já possibilidade de cada qual gastar, na loucura dos tremoços e das ceias, a parte que, d'esses lucros, lhe coube por acção. Quando uma sociedade, como a nossa, não dispensa a concessão de tres dias de irresponsabilidade em cada anno para desembestar nas regalias e excessos do Entrudo, de redea solta e de folgada cilha, a unica sociedade que pôde succeder-lhe na rotação equilibrada e calma do resto do anno, é a chamada sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

E, todavia, não ha medidas energicas a tomar, contra taes desmandos, de que só a Pinhata é o ultimo reflexo. Ainda agora se viu o resultado que deu a prohibição das *cocottes*. Para se evitar uma das brincadeiras mais perigosas do Entrudo, protegeu-se o incremento de um dos perigos mais brinçalhões da mesma epocha. Supprimiu-se a *cocotte* de papel e areia, e augmentou-se o consumo da *cocotte* de carne e osso. Oh! irrisão das irrisões! Porque se a *cocotte* de papel e areia não tirava ás vezes, numa insignificante percentagem, um olho, a *cocotte* de carne e osso passou a tirar-nos, livremente, os dois!

E, como é sabido e da praxe, que nunca um mal veio só, houve por bem a mesma autoridade, que tomara uma tal medida, ordenar que nas ruas de Lisboa emprehesse a policia uma rusga bem activa aos mendigos de profissão. Ora, a mendicidade era ainda, na capital, uma das poucas profissões liberaes que dispensavam algum curso superior; e para os infelizes que, depois de um baile na Trindade e uma ceia no Augusto, tinham perdido tudo, até os olhos da cara, se a sua infelicidade chegava ao ponto em que já não é possível encontrar um amigo a quem a gente se encoste, o unico meio decente que lhe restava para se tirar de difficuldades era encostar-se a uma esquina e estender a mão...

N'esta attitude encontrou a policia, na manhã de quarta-feira de Cinzas, um famoso rapiqueiro de Lisboa, postado á esquina dos Martyres, todo enfarinado ainda da esturdia da vespera, aguardando o momento em que alguma pessoa caritativa deixasse cahir-lhe na mão uma cedula de dez tostões, com que lhe fosse possível ir passar o resto do dia no Retiro da Montanha, como o ermitão, que renunciou ao mundo, ou como o actor que, n'essa noite, não devia ter espectaculo. Executando ordens, perguntou-lhe a policia se ignorava ser prohibido estender a mão á caridade publica. Mas nem a mais leve sombra de desconcerto perturbou o pandego, que pediu licença para observar á policia ter-se ella enganado com respeito á intenção, bem licita, em que o encontrava:

— Eu não estendo a mão á caridade publica... — disse. E concluiu: «Estou a ver se chove!»

Os que não tiveram, porém, a resposta prompta, como este, foram levados na rede, e postos á ordem do Governador Civil, que lhes dará destino, distribuindo-os por asylas e casas de reclusão. Mas são muitos ainda os que escaparam pela malha e se refugiaram no Suisso, no

Martinho e nos corredores dos Ministerios, por onde corre o enxame dos poetas sem rima, dos artistas sem atelier e dos bacharéis sem emprego. Era, principalmente para estes, que deviam convergir os raios visuaes de quem superintende na manutenção da ordem publica e na policia dos costumes — ainda que fosse necessario duplicar o pessoal da fiscalisação do sello, estabelecer um annexo ao Limocairo, e desdobrar todas as cadeiras da Academia. Talvez assim nos livrassemos da praga de creaturas de genio sem collocação, que infestam a capital, pondo-se um termo a este estado de coisas que nos não permite entrar no Suisso para tomar um café e um calice de cognac, sem que alguma d'essas amaveis creaturas venha sentar-se ao nosso lado para tomar, pelo menos, e á nossa custa, dois cafés e quatro calices de cognac!...

Aqui temos pois um assumpto bem digno de ser offerecido á consideração do *Dia*, jornal em que o Sr. Antonio Ennes emprehende n'este momento a obra de um verdadeiro jornalista, disposto a não transigir com os processos de imprensa — sem calembur — em torno dos quaes tão apertada vida vao vivendo os nossos tristes jornaloes; disposto a tratar, por letra bem redonda do seu artigo de fundo, quantas questões interessam, na mais completa independencia de paixões politicas, a vida nacional. A julgar pelos seus primeiros numeros, e segundo o que é possível deprender das suas declarações bem categoricas, o *Dia* propõe-se demonstrar aos seus irmãos em Christo, e sem exclusão do proprio *Correio Nacional*, como é possível ainda a um jornalista portuguez vociferar e gesticular com dignidade dentro dos limites da lei. Sem incorrer no menor abuso da liberdade de imprensa, o jornal do Sr. Ennes tem-se atirado de cabeça — como se costuma dizer — e com baldas certas — como tambem é — a tudo quanto em Portugal se suppunha até agora perfeitamente defendido pelo baluarte da Boa-Hora. Como jornalista, o Sr. Ennes é o que pôde chamar-se, em linguagem figurada, um atirador terceiro; e da sua tactica se poderá dizer ainda que é a de um verdadeiro *boer*. Admittindo que no generalato da imprensa portuguesa devam ser conferidas ao Sr. Emyglio Navarro as honras, aliás bem merecidas, de General Roberts, nós entendemos que ao Sr. Antonio Ennes não nos será permitido regatear as honras de General Cronge. Isto é — para nos servirmos de uma ideia muito discutida agora nas fileiras do exercito — uma equiparação.

Emquanto não fór possível extinguir uma semelhante praga, como vinhamos dizendo, não nos parece justo, a bem da humanidade, que os outros paizes declarem limpas as precedencias de Portugal, como agora fizeram. Não basta que acompanhem, embora n'um andamento de pequena velocidade, a marcha do progresso, já elevando de quarenta a cem contos as despesas da nossa secção na Exposição de Paris, como o entendeu o inspector geral Sr. Kessano Garcia; já apresentando ao Parlamento um projecto de lei do divorcio, como fez o deputado Sr. Roboredo; já inaugurando mercados municipaes de flores, como propoz o vereador do pelouro dos jardins Sr. Alberto Pimentel. Acabar de vez com a pobreza desavengonhada de Lisboa é uma grande medida de regeneração, que se impõe. O que todos esses poetas, todos esses artistas e todos esses bacharéis precisam é que agetem os empregos, e, em caso de reincidencia, que agetem os prenda.

Promovido o Sr. Hintze Ribeiro a chefe do partido regenerador, na vaga que deixou o illustre finado Antonio de Serpa Pimentel, que acabou por se esquecer de que era vivo ainda — e morreu... — é para esse novo chefe que se voltam, n'este momento, todos os empenhos, e elle será por certo o estadista que, logo que volte ao governo, se encherá de toda a coragem e de toda a energia precisas, para empregar tanta gente.

Figure S. Ex.º certo de que, realisando uma tão conveniente medida de repressão, encontrará do seu lado, pelo menos, um milhão de amanuenses!

As inundações

No Porto, os temporaes de fevereiro ultimo causaram importantes prejuizos, calculados em 600 contos de réis. O rio Douro avolumou espantosamente, sem que as embarcações estivessem prevenidas, como é de costume em casos identicos. As aguas sempre crescendo de forma assustadora, arrastaram na sua carreira, varias barcas a que se lhe haviam partido as amarras, indo esbarrar-se umas contra as outras, no meio de gritos clamorosos das suas tripulações. A barca *Glama* chocou-se contra a barca



A cheia de Miragaya

agradadissimo galgava com furia as muralhas do porto, desmoronando, n'uma extensão approximadamente de trinta metros, o molhe do lado norte. O rio, que subiu dez metros, sahio fóra do seu leito indo inundar a Ribeira até ao principio da Rua de S. João, a Rua da Fonte Taurina, Arcos de Miragaya e outros pontos onde causou enormes prejuizos, tendo de salvar-se pelas janellas a gente ali moradora.

Desastres pessoais apenas se regista a morte de um soldado da fiscalisação da alfandega, a serviço da barca *Iberia*. O misero pereceu afogado, enquanto que a tripulação da mesma barca se salvava a muito custo.

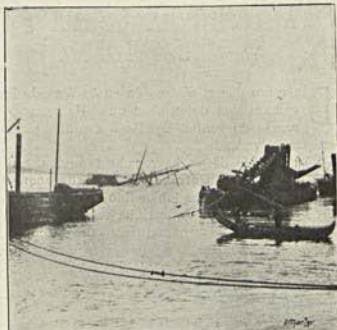
Mais tarde o rio Douro principiou descendo, passando a corrente a ter apenas uma marcha de oito milhas por hora. Deu-se então começo aos trabalhos de pôr a secco o vapor *Wicander*, a galera *Americo* e a barca *Ligeria*, ficando, contudo, perdidas as duas ultimas por serem enormes os gastos das suas reparações. Para se pôr a nado o *Wicander* pediram-se 500 libras e 30 contos para se tirar do fundo o *Sir Walter*. Os restantes navios poseram-se fluctuando e consideram-se salvos.

Em varias praias foram encontrados muitos destroços e salvados, sendo os da Afurada calculados em valor superior a 5 contos de réis. Emfim as inundações do Porto foram terribéis e como ha muitos annos se não tinha tido occasião de observar.

No mesmo mez tambem em Santarem a cheia attingiu mais de 7 metros sobre o nivel da estagema, indo as aguas em carreira impetosa alargar os campos de Almeirim, Valle de Santarem e Vallada de Reguengo que ficaram totalmente cobertos, pois das arvores apenas se podia ver os seus galhos mais altos. Os lavradores d'estas regiões soffreram immensos prejuizos, assim como, uma infinidade de trabalhadores que ficaram sem poder ganhar os seus pequenos salarios, em virtude do estado pantanoso das terras. Tambem aqui houve um desastre pessoal, pois que pereceu afogado um individuo que, n'um barco pelas ruas do Valle de Santarem, andava prestando soccorros ás pessoas em

cujas casas a agua ia subindo de minuto para minuto.

Na Azambuja foi horrivel o que se passou. A agua attingiu uma carreira desmedida, indo alongar-se n'uma extensão de 33 kilometros, distancia que vae desde as Barracas até Santarem. Os prejuizos aqui havidos sobem a 100 contos de réis, não fallando na vida de dois homens que morreram afogados quando empregavam o seu labor em serviços de salvação. Ha mais de vinte e cinco annos que não ha memoria de tão grande cheia entre Figueira, Ameira e Alfarellos. Todos os lavradores e a Companhia das Lavouras do Tejo e Sado, mandaram recolher os seus gados para a villa, pois de contrario ainda maiores seriam os prejuizos causados pela grandiosa inundação. Porem, apesar de todas as medidas que se tomaram com tanta urgencia, um lavrador perdeu, ainda assim, 30 cabeças de gado lanigero. Varias familias de Santarem e da Azambuja, abandonaram as suas casas, receiando as funestas consequencias das inundações. O mez de fevereiro ficou, pois, marcado em letras de crepes para todos quantos se viram de subito na miseria ainda que sempre a tivessem afugentado á custa de muitos sacrificios e de muito trabalho.

O vapor, *Sir Walter* sossobrando em frente do caes da Porta Nobre

A inundaçáo no caes da Ribeira

Praca da Ribeira de Santarem por occasião das cheias de fevereiro



Praca da Ribeira de Santarem por occasião das cheias de fevereiro

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

O sol

Disse um dos ministros da corôa fazendo-lhe o panegyrico, na camara dos deputados, que elle se comprazia em viver na região do sonho. É feliz a formula porque dá a expressão exacta da verdade.

Antonio de Serpa, carregado de annos e de serviços, entrando nas secretarias ou atravessando as ruas, com o seu ar humilde, a sua barba branca, nos labios finos aquelle sorriso feito de bondade e de experiencia, porque tinha tolerancias para todos os que delinqüiam, clemencias para quantos prevaricavam, Antonio de Serpa parecia levar consigo o que quer que fosse da abstracção e do sonho.

Intellectual, na accepção purissima da palavra, dir-se-ia que falando, vendo, passeando, conversando, vivia sempre alheado do mundo exterior, como se mentalmente estivesse a resolver, a todos os minutos, os problemas sociaes que no espirito se lhe debatiam.

Depois, ficara-lhe dos primeiros tempos da mocidade esse claro romantico, essa meia luz da poesia, que lhe doirava as recordações e lhe abria claridades pelo caminho, o que fez dizer a Oliveira Martins que era o unico politico portuguez que trazia dentro de si uma lyra.

Muitas vezes ministro, Antonio de Serpa Pimentel nunca teve a nostalgia do poder. Aceitou-o sempre contra riado, n'uma extremada abnegação de todos os interesses pessoais, porque nunca teve outro

objectivo, que não fosse honrar e servir o seu paiz. Por isso, as condecorações que lhe constellavam o peito, as dignidades e honrarias que lhe davam um dos mais altos logares na sociedade portugueza, tão desprezido elle foi sempre de todas ellas, que, ao contrario do que com tantos outros acontece, parecia que eram ellas que se engrandeciam e honravam, que recuperavam o seu antigo prestigio, só porque lhe pertenciam a elle.

Espirito assimilador e reflectido, critico sagaz e consciante, intelligencia progressiva e aberta ás acquisições da sciencia moderna, tem este fundo nobilissimo e perduravel a sua dupla individualidade de escriptor e de estadista. A avultar o seu caracter, a marcar a sua grandeza moral, como fundo d'ella tambem, ficará na memoria dos homens e no respeito da posteridade, a singleza, a bondade, estas duas qualidades primaciaes sem as quaes ainda ninguém conseguiu attingir a verdadeira grandeza humana.

N'uma longa vida de 75 annos, tendo durante elles governado por varias vezes o seu paiz, dispondo da amizade dos reis, tendo sido um elemento de força em governos fortes, combatendo pela palavra e pela penna com adversarios mais para temer que os de hoje, exercendo em tantos campos as suas facultades, Antonio de Serpa Pimentel desceu á cova sem deixar um inimigo. Que tratado de philosophia, que livro de critica, que rasgado panegyrico, se concentra e se funde n'esta formula tão simples! Mas para marcar o epilogo e a synthese de uma vida gloriosa, ella não basta, outra é necessaria, não menos simples nem menos bella: morreu pobre.

Da sua memoria duas heranças legou apenas: a casa hypothecada, e o nome honrado.

O paiz, entre os filhos que mais o amaram e lhe quizeram, raros pode contar d'esta estatura moral, d'esta grandeza civica. Nem ha epitaphio que este valha na simplicidade da sua eloquencia, nem titulo mais justo e mais suggestivo á gratidão e á saudade.



Antonio de Serpa, no seu leito de morte

Ha pelas ramas múrmuros trinados, rumor de beijos castos. Amanhece. E os rouxinões nos ninhos debruçados saltam ao dia a matutina prece.

Acordam bosques seculares, trina pelas erguidas copas do arvoredado a festival e alegre cavatina do sonoro e alegre passaredo.

Abrem-se as flores frescas e viçosas, erra um doce perfume capitoso de lyrios brancos, de jasmims e rosas — a rubra flor symbolica do Gozo.

Branco e sereno o vasto céu, mostrando negras de azul. O espaço, que inebria, corta um ligeiro e irrequieto bando de aves que vão á farta comedia.

Ha musicas sonoras, ha perfumes em toda a bella natureza em festa, pipillos virginaes de aves implumes na farfalhante e secular floresta.

Abrem-se além as portas do Levante, e o sol, o rei dos estrellados pagos, espada ferindo, jorra, triunphante, rapadanas de luz pelos espaços.

Resôa o canto matinal das aves ãuma expansão de vivida alegria, e a catadupa das canções suaves o combate da vida preludia.

Pouco a pouco se eleva o sol radioso no céu, que brilha todo azul agora. E a natureza a um frémito de gozo vibra, e a terra toda se avigora.

Abrem-se mais e se adelgaçam todas as flores ao fulgor do sol nascente, como as noivas que esperam para as bodas a caricia do amor, o beijo ardente...

A claridade alastra-se gloriosa pelos prados, e bosques, e campainas, e dos ninhos, á frança múrmurosa, estridulando as musicas divinas.

Ascende mais o astro-rei, jorrando scintillações de luz limpida e pura, e tudo canta, e tudo brilha, quando a claridade rútila fulgura.

Lasciva a terra em convulsões extranhas, abre os seios á luz, freme de gozo; curvam-se as serras, curvam-se as montanhas á elevação do sol esplendoroso.

João José da Silva Lima

Mais um portuguez que emigrou do nosso paiz para se erguer pelo trabalho. O *Brasil-Portugal* presta em poucas linhas homenagem a quem soube firmar-se no conceito dos seus compatriotas, honrando-se e honrando o nome da sua patria.

Silva Lima partiu de Ponte de Lima, sua terra natal, para o Rio de Janeiro ha cerca de 35 annos. Hoje é chefe da importante casa commercial Silva Lima & C.^o e exerce o cargo de thesourreiro do Retiro Litterario Portuguez.

No tempo do Imperio recebeu o grau

de cavalleiro da Ordem da Rosa, e o governo portuguez, galardoando serviços prestados agraciou-o com a commenda de Christo. Silva Lima gosa de muita consideração na colonia portugueza, que o estima pela sua rectidão e lhaneza de trato.



Commendador José Francisco Monteiro

É uma das individualidades mais caracteristicas do Amazonas, e um dos homens de maior valor. A sua vida é uma epopeia de luctas e de conquistas.

Nasceu no Porto e reside no Brazil desde 1840. Começou a sua carreira commercial no Maranhão, a velha Athenas decaída. Em 55 subiu o Amazonas até ao Rio Madeira, fixando-se no Frechal, seringal muitas vezes assolado pelos antropophagos Parintintins. Arrojado até á temeridade assistiu a combates sanguinolentos para salvar a propria vida.

Em 69 lembrou-se de fundar uma cidade no Madeira e conseguiu-o. Pouco tempo depois nas mattas virgens d'esse rio pittoresco havia uma povoação grandiosa — Hunayá — que hoje apresenta largos arruamentos, edificios arejados e conta cerca de 5.000 almas.

Tudo se deve á vontade de ferro d'este homem que tem sido sempre um benemerito e cuja bolsa se abre sempre aos pobres.

No anno seguinte a *Sociedade Patriótica 1.^o de Dezembro* enviou-lhe o seu collar de honra.

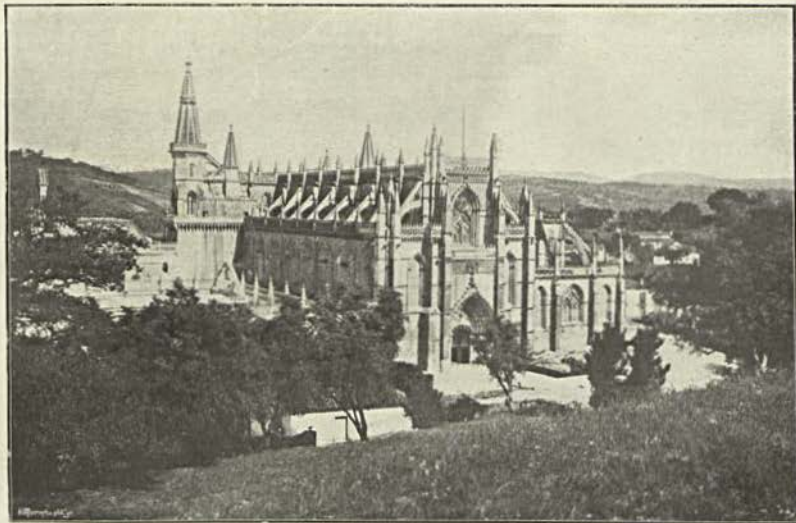
E em 87 o governo portuguez agraciou-o com a commenda da Conceição, ofertando-lhe em 91 a de Christo.

Já antes, em 70, o Papa Pio IX o distinguira com um diploma de benfeitor.

Tal é, rapidamente traçada, a biographia de José Francisco Monteiro, o portuguez que honra a colonia do Pará, onde hoje reside, e que deixará aos seus o precioso legado de um nome honroso e honrado.



BATALHA



VISTA GERAL DO MOSTEIRO

Theatros

GOMEREMOS hoje, á militar, pela ordem de antiguidade; pois se é certo que, felizmente, para as obras litterarias de valor não ha, como para a carreira de qualquer major banal, um limite de idade cortando-lhe implacavelmente... os vencimentos, tambem não é menos certo que ellas têm um limite de actualidade, além do qual as exigencias naraes do espirito publico lhes defendem, em publicações do genero d'esta, toda a sorte de referencia.

Ora eis o que estava a pique de succeder com as afamadas *Aguas de S. Christipin*, com tanto exito representadas no

Gymnasio,

e cujas festejadas e rendosas representações, quasi logo, *ab initio*, á implicate doença de varios dos seus interpretes lhe deu para interromper. E vá lá deixar a gente de fiar-se em enuguicos de theatro!... Este, pelo menos, estava, de ha muito, philosophicamente previsto por um dos auctores da peça. Foi o caso que, na noite da primeira representação, quando, ao cabo da *scie* infundavel e vibrante dos applausos, chamadas e saudações, esse auctor feliz, — o Manuel Penteado, — lograva enfim furtar-se aos abraços e apertões dos amigos, por aquella inverosimil escadita, capillar e a pino, da entrada da caixa do theatro, nós, que sabiamos tambem, achámol-o triste... O tronco vergava a qualquer grave preocupação, um aspero *rietus* de arrelia escrespava-lhe a commissura dos labios, de ordinario tão francamente sarcásticas, tão limpida e jovialmente abertos, e através o embaciamento fatigado das lunetas via-se bem tremular-lhe nos olhos vagos uma humidade enterecida.

Felicítámol-o, mais uma vez; e elle então, agitando cabalisticamente a cabeça:

— Obrigado, meu velho... mas a peça não vae longe!

— Porquê?...

— Hoje logo de manhã, ao sahir de casa, o primeiro cartaz que vi, annunciando-a, deparou-se-me á esquerda!

E o caso é que a fortuna bem esquerda se mostrou, e tão depressa! para com esses dois *sympathicos* rapazes; pois, não podendo evitar que o publico, muito espontanea e naturalmente, lhes festejasse o talento, vingou-se d'um modo indirecto, *grippando-lhes* de força os actores. E eis como uma peça em pleno exito, procurada com avidéz pelo publico, tendo despertado o mais vivo e hilariante interesse, ainda não ponde voltar a ser representada. Canhêstro de cartaz!

O que é a peça, *Aguas de S. Christipin!*... Os auctores, modestamente, nem as honras de peça seria lhe conferem, pois lhe chamavam, n'aquelles originalissimos cartazes, "tres actos grotescos." Desarmaram assim a critica de fêrula, e deram a documentação honesta do processo um pouco a *la diable* como a interessante *pochede* foi feita. Não é mesmo como *pochede*, uma obra impecavel; com avidéz pelo publico, tendo despertado o mais vivo e hilariante interesse, ainda não ponde voltar a ser representada. Canhêstro de cartaz!

sempre imprevista, sempre a tempo, nunca desmarcada; e muitos dos efeitos do comico não são, á frivola maneira antiga, mórros jogos de palavras, simples trocadilhos, antes profundas, as mais das vezes, uma intenção, — o que é importante, — e letram mira a um conceito, pintura ou critica social.

Nós felicitamos os nossos amigos Manuel Penteado e Luiz Galhardo, pelo seu magnifico trabalho; porém recomendamos-lhes ao mesmo tempo que, para outra peça que façam representar, tenham

o cuidado de, no dia da primeira, regular préviamente o seu itinerario de modo que o cartaz lhes appareça... do lado direito.

Mas o grande successo da quizenza, o nosso mais rijo e recente acontecimento artistico e theatral, foi a representação do drama de capa e espada, *Viriato Tragico*, no theatro

D. Anetia

Vae em pouco mais d'um anno, n'este mesmo logar, que nós frisámos, ácerca da singular individualidade que é Julio Dantas, estes dois pontos, a não se saber qual d'elles mais careador de admiração e reparo: a sua extraordinaria, a sua intensa e arrogante vocação theatral, rompendo assim deslumbradoramente de improviso, como alguma captitosa flor dos tropicos; e o ardente amor pela Arte, a facturagem e a sciencia perfeita de *métier*, o implacavel ardor ao estudo d'este amor, concentrado e triste, já erudito na idade em que os outros ainda nem são estronias, sondando com afan os mais fundos lódos da Vida, n'uma idade cuja tendencia de instincto é á mesma Vida colher apenas as miragens ephemeras e ridentes da epiderme; e com o seu olhar de *illuminado*, vellados e profundo, o negro intransigente dos seus trajos, e a cadencia pausada e rhythmica do seu andar, dando-nos a nostalgia impressão d'um transviado, cavidamente, saborosamente, nobremente alheado sempre por temperamento e por systema, pelas incoerencias e altas regiões do sonho da romagem piedosa ao Ideal.

Pois, agora, o *Viriato Tragico*, essa grande peça de revivesção historica, — n'um delirio de imaginação a synthese d'uma época, — voltou a confirmar, da maneira mais triumphante, a realidade, a pujança e a solidez da privilegiada crebração e das primacias quaes de engenho e estudo, do auctor d'*O que morreu d'amor*.

Insiste-se para ahí, — e o dito assumiu já fóros de dogma, á força de repetido, — que Edmond Rostand é o grande suggestor da obra de Julio Dantas. Não iremos averiguar até que ponto poderá haver base para semelhante asserção. Do que porem não resta duvida é que, se o genial auctor de *Grans* e *Agilon* escrevesse em prosa um *Viriato Tragico*, não lhe arranjaria linguagem melhor... Tão recuante de pura e ideal poesia, tão repassada de encanto, tão requintadamente melodiosa é a hypnotizadora linguagem em que Julio Dantas vestiu e bordou quasi toda a peça!

Uma ou outra vez, haverá excesso de lyrismo; tambem, bastos archaismos apparecem, já improprios do tempo; mas o conjunto é tão harmonico e igual, a sentimentalidade da alma portugueza resalta, tão nitida e constante, de toda a urdidura, desde as scenas essenciaes até aos infimos episodios, que, ao mesmo tempo, o nosso espirito pulsa de orgulho e a nossa alma adormece n'um voluptuoso embalo de vaidade.

O typo do aventureiro Braz Garcia de Mascarenhas foi bem atiladamente escolhido para centro do evocativo desdobrar d'uma época. Sahi talvez, na obra de Julio Dantas, um pouco decorativo, exterior; a bariolagem brilhante de todo o lindo apparatus theatral, que o rodeia, encobre-lhe a psychologia; por sob aquella armadura de escamas de ouro, o coração do heros não se sente, não se lhe apprehende a feição dominante do caracter, a razão schematica da sua linha de proceder.

Mas, como o *Viriato Tragico* visa a ser, não uma monographia, porém uma comedia heroica, ao antigo geito hespanhol, — a pittoresca visionação d'uma época, — aquelle se não perde importancia, e é fartamente resgatado pela perfeição do 1.^o acto, e pelas felicissimas *trouvaillies* que na peça abundam, como o ensaio e representação do *auto*, e a scena entre aquelles miseros doentes, Bristo e San Vito.

No n.^o 29 publicam-se algumas scenas do *Viriato Tragico*.

ABEL BOTELHO.

Alexandre Ferreira
(Do theatro do Gymnasio)



Angela Pinto
(Do theatro D. Amélia)



Rosa de Oliveira
(Do theatro do Príncipe Real)



BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 50

Páginas supplementares: Off. Estevão Nunes & F.º

Rua d'Assumpção, 18 e 24

Romance: Typographia Castanheto

Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Director

Agostão de Castello, Jayme Victor, Lorjô Tavares

Editor

Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua Ivens, 52

LEBRO

Endereço telegraphico—BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	4\$500	Anno.....	6\$000	Anno.....	8\$300
6 mezes.....	2\$500	6 mezes.....	3\$500	6 mezes.....	4\$500
3 mezes.....		3 mezes.....	1\$800	3 mezes.....	2\$500
Numero avulso.....		Numero avulso.....	8\$50	Numero avulso.....	5\$50

SUMMARY

Chronica—*Ortophographia*—Ramalho Ortigão.
O atelier de Colubano Bortallo Pinheiro—João Barreira.
 Pensamentos—Padre Antonio Vieira.
Ofmãnd—Versos de A. Rod. gues.
D. Galinas—Versos de Egas Montez de Aragão.
Coleção de Meneses e Luiz Duprat.
Theatro moderno dos scandinavos—Fretas Branco.
O Ribeiro das Lagoas.
Fátima—Contos de Campos de Oliveira.
Sobre o mar—Musica de Julio Monthão.
Os inundações.
Notas da Quinzena—Alfredo Mesquita.
Antonio de Serpa Pimentel.
O Sol—Versos de Theodoro Rodrigues.
João José da Silva Lima.
João Francisco Monteiro.
Theatros.

Páginas supplementares

Os nossos correspondentes.
BRASIL PORTUGAL—Lorjô Tavares
 Alvaro Pinheiro Chagas
 Antonio Brazão
 Henrique Lima
 Alberto Pimentel.
 Horas d'ocio.
 Os congressos na Exposição d'Paris.
 Anecdotes.
CARTAS DA QUINZENA

33 ILLUSTRAÇÕES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodorico Fripp de Moraes e José Martins Polito, Rua da Alfândega, 4, sobrado.
 FERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira

PARA—Mannel Ferreira Santos Junior (caso Vervell).
 MANAOS—Lino Aguiar & C.º
 MARANHÃO—Leocádio J. de Medeiros & C.º
 CEARA—Salles Torres & C.º
 BAHIA—Sociedade Vianna & C.º Rua dos Ourives, 2.
 P.º ELOTAS—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAMA (Guiné)—Casar A. Gonçova da Silva Homem, Thezoureiro geral da Provincia.
 MOSSAMÉDES—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.
 QUELIMANE—Henrique Lima.
 BENGUELLA (Egypto)—Matheus & Tavares.

No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte.) Antonio Couto Perdomo, Rua de Camões, 11, A.º 2.
 EVORA—(Agente geral em Evora e no Sul) Luiz Froilo Correia, director da fiscalização dos tabacos.
 BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
 PONTE DE LIMA—Gama, Amarel & Com.ª.
 COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Avro do Ivo, 1-2.º

BRASIL-PORTUGAL

LORJÓ TAVARES

Mal repousado ainda das fadigas de uma ardua viagem de dez mezes, atravez de quasi todo o territorio brasileiro, lá volta Lorjô Tavares, o nosso prezado collega na direcção do *Brasil-Portugal*, á terra generosa e amiga, que tantas demonstrações lhe deu de affecto pessoal e de tamanho estímulo e coragem o encheu na propaganda efficaz de sua missão. Vae no paquete *Cordillere*, que sae do nosso porto no proximo dia 26.

A viagem de Lorjô Tavares circumscrever se-ha d'esta vez ao Rio de Janeiro e ás cidades do Estado de S. Paulo. E tanto n'estas como na capital da Republica representará o *Brasil-Portugal* nas grandes festas do centenário.

Esta representação, que tão grata nos é e tanto nos enche de jubilo, por assim podermos pessoalmente associar-nos ás commemorações festivas do Brasil, completa a homenagem com que para ellas contribuimos dando á estampa no nosso *Numero Extraordinario*, que os representantes do *Brasil-Portugal* farão espalhar por todo o Brasil, offerecendo-o como brinde gratuito a todos os nossos assignantes para demonstrar que esta empresa se não poupa a sacrificios de qualquer ordem, vae além do seu programma e excolle a sua missão, quando a solidariedade das duas patrias, e o interesse de cada vez mais a identificar e unir, sobrepuja quesequer outros interesses.

Boa viagem é a nossa ultima palavra ligada ao voto de felicidade com que acompanhamos Lorjô Tavares na sua reparação e durante a sua ausencia.

ALVARO PINHEIRO CHAGAS

Pelo *Cordillere* parte no dia 26 d'este mez para o Brasil, o nosso prezado amigo, e dedicadissimo secretario da redacção d'esta Revista, o sr. Alvaro Pinheiro Chagas.

Se, com verdadeiro jubilo, pelo muito que confiamos no seu valor, na sua lealdade e nos seus serviços, damos esta noticia, não é menos sincera a maior de nos vermos privados aqui, á nossa meta de trabalho, de um companheiro tão intelligente, tão prestimoso, tão leal, tão devotado a esta empresa, de cujo desenvolvimento e prosperidade tem sido um dos auxiliares mais poderosos e efficazes.

Relevantissimo, podem ser os serviços com que Alvaro Pinheiro Chagas valiarise nos *Estados do Sul do Brasil* o nome e o credito que lá temos firmados, e ao mesmo tempo desenvolve e engandea a obra a que do coração nos ismos consagrado, e que tão excepcionalmente tem sido acolhida por brasileiros e portuguezes.

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

Para a representação que vai ter, primeiramente nos Estados da Bahia e de Pernambuco, e do Rio Grande do Sul, onde já contamos valiosos elementos de vida, e depois no Rio de Janeiro, onde fixará a sua residência, como delegado da empresa do *Brasil-Portugal*, ninguém, como o actual secretario d'esta redacção reúne condições de mais auspicioso exito. E' moço, intelligente, de uma intelligencia essencialmente pratica e moderna, activo, honrado, herdeiro dignissimo de um nome portuguez que é dos mais queridos, dos mais illustres, e dos maiores, Alvaro Pinheiro Chagas é aquelle emfim que esta empresa, associando-o á sua existencia e ao seu destino, escolheu para depositario do seu nome e do seu credito, em terra brasileira e a entre os seus compatriotas. No Sul do Brasil, onde vão celebrar-se as grandes festas commemorativas do descobrimento das Terras de Santa Cruz, elle vai ser juntamente com Loriz Tavares o representante do *Brasil-Portugal* n'essas festas. A portuguezes e brasileiros vão assim levar com a sua presença a nossa homenagem, e os votos fervorosos d'esta empresa pelo progresso dos dois povos.

No momento da separação, os companheiros de trabalho de Alvaro Pinheiro Chagas apertam-lhe a mão, cordalmente, fraternalmente.

ANTONIO BRAZÃO

Em commissão de propaganda parte no dia 25 d'este mez, a bordo do *Rio Amazonas*, para o norte do Brasil—Para, Manaus, Maranhão e Ceará—o nosso amigo o sr. Antonio Brazão, que tem sido um valioso auxiliar d'esta empresa.

E' um rapaz serio, trabalhador e honesto, dos poucos a quem a empresa do *Brasil-Portugal* confia a missão de propagar os seus creditos e contribuir para o desenvolvimento dos seus elementos de vida.

Antonio Brazão leva consigo o *Numero Extraordinario*, que sera como brinde offerecido a todos os assignantes e que por á venda, para que não fiquem privados d'este monumento litterario e artistico todos os que amam de veras as glorias dos dois paizes.

Boa viagem e... *bonne chance*.

HENRIQUE LIMA

Parte no dia 26, a bordo do vapor *Portugal* com destino á costa oriental da Africa, onde vai fixar residencia em Quelimane, este nosso amigo que, com a maior gentileza, toma a seu cargo a representação do *Brasil-Portugal* em toda a provincia de Moçambique. Confiados na sua muito boa vontade, esperamos que, dentro em curto prazo o numero dos nossos assignantes, n'aquella provincia se alargue tão vastamente como em toda a Republica dos Estados Unidos do Brasil. Henrique Lima leva consigo varias colleções do *Brasil-Portugal*, afim de as distribuir aos assignantes que ultimamente as tem requisitado, e vai igualmente encarregado de poder cobrar todas as importações respectivas ao 1.º e 2.º anno da nossa illustração.

Desejamos-lhe, pois, uma feliz viagem e um rapido regresso.

Uma senhora foi ao consultorio do hospital queixar-se de uma doença de pelle. O medico, perspicaz e sarcástico, percebeu logo o que era a doença.

—O que lhe devo aconselhar, minha senhora, é o seguinte: Vá para casa, encha uma tina de agua n'uma temperatura elevada, e metta-se dentro n'agua depois n'uma porção de sabão amarello e esfregue com elle rigorosamente um pedaço de flanelle, e em seguida applique essa flanelle com grande fricção a todas as partes do seu corpo.

—Mas, doutor, observei ella, parece querer dizer que vá para casa e que me lave!

—Confesso, minha senhora, tornou o medico, que a minha receita pôde levantar essa objecção. Ella nunca mais lá tornou.

O mestre. — Diga o nome das coisas mais importantes que existam hoje e que não existiam ha cem annos.

Od iscipulo. — O senhor e eu.

ALBERTO PIMENTEL

Uma d'estas malfadadas falhas de revisão, frequentes até em publicações cuidadas como a nossa, eliminou no numero 26 da revista, o nome do sr. Alberto Pimentel d'entre aquelles que assignaram o auto do decerramento da lapide commemorativa do nascimento do grande poeta Antonio Feliciano de Castilho.

Agora, que estamos reparando o erro, é-nos extremamente agradavel accentuar a parte que n'essa commemoração municipal teve aquelle illustre vereador, que é um dos mais velhos e sinceros amigos da familia Castilho, e um dos mais brillantes collaboradores do *Brasil-Portugal*.

CURIOSIDADES

Os congressos durante a Exposição

Attinge já 105 o numero dos congressos internacionais convocados para se reunirem em Paris, durante a Exposição. A lista formulada até 31 de dezembro não deixa de ser interessante. Haverá, pois, dentro em poucos mezes, na capital franceza, congressos de

- Desastre no trabalho e seguros sociaes
- Aeronautica
- Agricultura, a que presidirá o ex-ministro Meline
- Alimentação racional do gado
- Alliança cooperativa internacional
- Actuarios (mathematicos encarregados de verificar segundo o calculo das probabilidades, as bases dos contractos vitalicios de seguros de vida)

- Alpinismo
- Americanistas
- Anthropologia e archeologia prehistoricas
- Anti-esclavista
- Agricultura
- Vigilancia e segurança dosapparehos a vapor

- Agricultura e pesca
- Architectura e Pomologia
- Architectos
- Architectura e construção navaes
- Assistencia publica e beneficencia privada, presidido pelo ex-presidente da Republica, Casimir Perier

- Associações operarias de produção
- Automobilismo
- Para melhorar a sorte dos cegos
- Estudos vasoncos
- Bibliographia
- Botânica
- Padaria
- Caminhos de ferro
- Chímica
- Chímica applicada
- Chronometria
- Colonial
- Commercio e Industria
- Credito popular
- Dentario
- Dematologia e syphiligraphia
- Direito marítimo
- Associação dos antigos alumnos das escolas superiores de commercio

- Educação social
- Electricidade
- Ensino agricola
- Ensino de desenho
- Ensino das linguas vivas
- Sociedades, caixas de ensino popular
- Ensino primario
- Ensino secundario
- Ensino das sciencias sociaes
- Ensino superior
- Ensino tecnico, commercial e industrial
- Methodos de experiencia de materias
- Sciencias ethnographicas
- Condição e direitos das mulheres
- Para o estudo dos fructos de lagar
- Geographia economica e commercial
- Geologica
- Casas baratas
- Historia comparada
- Historia das religiões
- Homeopathia
- Horticultura
- Hygiene, a que preside o celebre medico Bronardel
- Hypnotismo, presidido pelo Dr. Voisin

- Material theatral
- Mathematicos
- Mechanica applicada
- Medicina
- Medicina professional e dentologia medical
- Meteorologia
- Minas e metallurgica
- Navegação
- Para a unificação de numeração dos fios

- Numismatica
- Trabalhos e instituições femininas
- Ornithologico
- Paz
- Participação nos lucros
- Protecção aos libertos
- Protecção á mocidade operaria
- Pharmacia
- Philosophia
- Photographia
- Physica
- Imprensa de casino
- Imprensa medica
- Previdencia
- Propriedade predial
- Propriedade industrial
- Propriedade litteraria e artistica
- Regulamentação alfandegaria
- Psychologia
- Descanço ao domingo
- Officias superiores e inferiores de bombeiros sapadores
- Salvamento
- Sociedades cooperativas de consumo
- Sociedades por accções
- Sociologia colonial
- Surdos-mudos
- Estações agricomicas, a que pres deo tambem Casimir Perier
- Sylvicultura
- Syndacatos agricolas
- Contra o abuso do tabaco
- Tradicções populares
- Trampays
- Unificação dos titulos de materias de ouro e prata
- Valores mobiliarios
- Viticultura
- Viajantes e representantes de commercio.

Footo, um actor comico inglez, que gostava immenso de fazer partidas, apostou em como havia de fazer perder a um creado celebre de um hotel a dignidade e a solemnidade que elle mostrava sempre. Foi um dia ao hotel com tres amigos seus, um engeheiro que não tinha um olho, um official de cavallaria reformado que perdéra um braço, e um official de marinha reformado tambem que perdéra uma perna.

Sentaram-se todos á meza de uma sala, e o engeheiro disse tranquillamente para o creado: — Tire-me a luneta.

— A luneta? disse o creado com solemne indignação.

— Sim, e tire-me ao mesmo tempo o olho. — O olho?

— Sim, não entande o que eu lhe digo? — O creado, com uns ares furiosamente solomnes, tirou a luneta, mas qual não foi o seu espanto quando viu que o olho vinha tambem!

A surpresa não parou allí porque o official de cavallaria disse-lhe com negligencia:

— Tire-me a luva da mão esquerda, e ao mesmo tempo faça-me o favor de me tirar o braço.

O creado, a trazer com varias verdes, puxou pela luva e o braço veio tambem.

O homem suava já em b'ca, quando o official de marinha lhe disse com o mesmo socego que tinham mostrados os seus companheiros:

— Descalce-me esta bota e tire-me ao mesmo tempo a perna.

O creado ajoelhou, batendo os dentes, e rezando quantas orações lhe lembravam, mas quando tirou a bota e com ella veio a perna, que fora preparada para ceder, o homem ficou absolutamente atarrado, e dirigiu-se para a porta. A porta porém estava Footo, que tinha um pescoco muito alto e de uma flexibilidade extraordinaria, e que lhe disse:

— Olhe, tire-me o chapéo e ao mesmo tempo tire-me a cabeça.

A isto não resistiu o creado, que, perdendo então toda a solemnidade, deitou a fugir pela escada abaixo, no meio das gargalhadas dos quatro trocistas.

O CARTAZ DA QUINZENA

Marrã Joaquim Costa.
José de Mello Cardoso Galvão.

Aias, meninos do côro, paranympas, creados, fidalgos e damas. — Lisboa, 1768.

D. Amélia. — Até 31 do corrente, seguirá dando enchanthes sobre enchanthes a maviosa peça *O Viriato Tragico*, de Julio Danzas. Em ensaios, o drama *Os Degenerados*, cuja primeira viae em beneficio do illustre actor João Rosa, uma das maiores glorias do theatro portuguez. O drama *Os Degenerados*, causou grande enthusiasmo em França, no *Theatre du Gymnase*, e mais tarde em Italia onde as enchanthes se contaram pelo enorme numero de representações. Agoramos, pois, igual successo em Portugal e mais uma corôa de gloria para João Rosa, cujo trabalho na celebrada peça, é, como facilmente se supporá, de primeira ordem.

Trindade. — Em ensaios a revista de *Esculapio e Accacio de Paiva, Ramerrão* em 3 actos e 12 quadros, com musica de Cyriaco Cardoso. Porém, enquanto não sobz a scena, *O Relógio Mágico*, seguirá a sua carreira de triumphos entre os bravos e as palmas do publico que todas as noites enche o theatro.

Gymnasio. — Brevemente subirá a scena uma nova comedia traducção de Freitas Branco, sob o titulo *O Terra Nova*. Segundo nos dizem, tem pilhas de graça esta peça que dará enchanthes sobre enchanthes a este theatro. Porém, antes que *O Terra Nova* suba a scena, representant-se-hão as celebradas comédias *O Salta Poichas* e *Aguas de S. Christim*.

Bua dos Condes. — Em 17 beneficio de Cecilia Neves com as peças *Malaquias, Mulher e Filha, O Terrivel e Victorias do General*. Em 21, beneficio das actrices Maria Emilia e Carolina Rocha, com a revista *Agulhas e Alfinetes*. Em 22 beneficio do actor Lemos. Actualmente estão em ensaios de apuro o 1.º e 2.º actos da revista em 3 actos e 13 quadros, original de Eduardo Schwalbach, musica de Filippe Duarte, *O Bar-*

ril do Livro, da qual brevemente daremos a sua distribuição. A respeito d'esta revista dizem-nos maravilhas.

Avenida. — A *Viagem de Suzette*, continua agardando extraordinariamente, não só pela graça que possui, como tambem pela magnificencia do scenario que é riquissimo e como poucas vezes se tem visto em theatros portuguezes. Alfredo de Carvalho, G nira e Pepa, são, todas as noites, alvo das maiores ovações. Para breve annuncia-se uma nova peça que deve causar immensa sensação.

Principe Real. — Teremos n'esta popular casa de espectaculos até ao fim do corrente mez, os celebrados dramas *Noites na India, Morgadilha de Valfior, Sineiro de S. Paulo e a reprise do drama maritimo O Cavieço de Piratas*. Escusado será dizer que o publico, apreciador de fortes emoções, se encontra contentissimo, mais reacio de chegar tarde ás bilheteiras onde a affluencia é enorme todas as noites.

Colyseu dos Recreios. — Dentro em pouco uma companhia lyrica virá deliciar-nos durante bastante tempo, pois que será, segundo sabemos, tio boa que o publico metterà empenhos para que ella se demore indefinidamente. Santos Junior já partiu para Italia afim de ultimar importantissimos contractos.

Real Colyseu. — Em breve se constituirá uma nova empresa para a exploração d'esta elegante casa de espectaculos, desde ha muito tao querida do publico.

Segundo consta as primeiras recitas serão com a apparatus magica *O Camelleiro da Rocha Vermelha*, verdadeira fabrica de gargalhadas e um mimo de guarda-roupa e scenario.

Rato. — Brevemente a revista *A Parodia*, original de Baptista Diniz, musica de Rio de Carvalho Junior. A nova revista, que é dedicada ao grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, tem tres actos e nove quadros repletos de graça e movimento scenico, o que muito deve agradar aos habitues d'este popular theatrinho.

D. Maria. — N'este elegante theatro, teremos em 17, 18 e 19, o *Frei Luiz de Sousa e Fallar Verdade a Mentir*; em 21 *Peralhas e Secas*, em beneficio do cofre de socorros a inválidos d'este theatro; em 21, 25, 27, 29 e 31 a *Sempre Noiva*, novo drama em 4 actos e 7 quadros de Marcellino da Mesquita.

Eis a distribuição do novo drama:

D. Isabel.....	Virginia.
D. Antonia.....	Emilia Lopes.
D. Leonor.....	Augusta Cordeiro.
D. Constança.....	Lucinda do Carmo.
Irmã Paula.....	Laura Cruz.
Abbaless.....	Sarah Coelho.
Luiza (idem).....	Judith.
Francisca.....	Laura Ferreira.
Uma freira.....	Laura.
D. Vicente.....	Ferreira da Silva.
D. Rodrigo.....	Carlos.
D. Alexandre.....	Pedro Theodoro.
D. Francisco.....	Fernando Maia.
Marquize de Pombal.....	Posser.
Frei Manuel.....	Augusto Mello.
O capellão.....	Manuel Nobre.

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.º ordem á

RUA DO CARMO, 35, 1.º
(CHIADO)

Ferragens
F. N. Santos & C.

Caixa postal N.º 31

Deposito de todos os utensilios para artes e officios.

Sortimento completo de armas de fogo dos mais afamados fabricantes. Fogões portuguezes, francezes e americanos.

Apetrechos para embarcações. Machinas de costura SINGER.

Especialidade em Cutilaria.

Praça 15 Novembro, 3

MANAOS

CASA BANCARIA
SOB A FIRMA DE
FONSECAS, SANTOS & VIANNA
SUCURSAL NO PORTO
PINTO DA FONSECA & IRMÃO
139, RUA DAS FLORES, 139

Seccões: Francisco Laidoro Vianna, Carlos Ferreira dos Santos Silva, Joaquim Pinto da Fonseca Junior, Manuel Pinho da Fonseca e Francisco da Silva Vianna.

Toma e fornece saques, e dá curtos de credito sobre as principaes cidades e villas de **Brasão, França, Italia, Inglaterra, Alemanha e do PAIZ.**

Compra e vende fundos publicos nacionaes e estrangeiros, acções e obrigações de **Bancos e Companhias.**

Recibe depositos em conta corrente a juro convencional á vista ou a prazo.

Terma letras, fornece saques, cartas de credito e ordens de pagamento sobre: **Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Campinas, Paris e Manaos.**

Efectua operações de transmutação sobre as principaes terras do Brasil.

PROVAE OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO
DE
Constançino Almeida



No camaroteiro:
— O sr. enganou-se. A cadeira custa cinco tostões e o sr. dá-me 350 réis.
— Não dou mais. Sou surdo d'um ouvido.

N'um jantar offerecido a um author de varias comedias.

— Brindo ao nosso amigo para que viva tantos annos, que chegue a ser tio velho, tio velho, como os ditos das suas peças.

Vingança d'um selvagem



Um 'empresario inglez que tinha pouco dinheiro e poucos actores, fazia com que cada um d'elles representasse varios papeis na mesma peça. Uma vez, representando-se o *Silencioso Inimigo*, quiz que o mesmo actor representasse os papeis de Henderson, 'Ho Bill e o Esmagador.

— Não quero, disse o actor.
— Não quer? brada o empresario indignado. Não quer? Porque?
— Porque é impossivel. Na primeira scena do 3.º acto dois d'esses personagens batem-se e o outro vem separal-os.



Guibollard precisou de concertar o relógio, mas não tinha dinheiro para isso. Estava já com a idéa de desistir, quando de subito bateu na festa, exclamando: Que tolo que eu sou! Quando havia um meio tão facil de levantar o dinheiro! E foi empenhar o relógio.

— Olhe lá! dizia um freguez para um creado no restaurant, parece que vem umas poucas de moscas na sopa.

— Isso é que não pôde ser. Todas as que cabiram as tirei cuidadosamente com os meus dedos.



No theatro:
— E' exquisto! o senhor chora nas scenas comicas, e ri-se nas scenas dramaticas!

— O motivo é muito simples. Sou um pouco vagaroso de comprehensão, de forma que, quando percebo o comico de algumas scenas, já se está na parte dramatica, e quando percebo as peripécias dramaticas, já se está na parte comica,

HORAS DE OCIO

Charada em verso

Uma sou, mas se um é me lustrares,
Dou alivio a seu peito maguado;
E' meu fado girar de continuo,
Se o meu é por um o for trocado.

Logo a ultima á prima unido,
Tem a terceira, não vai mais allein,
E se a quarta lá vou procurando,
Quarta e quinta me bastam tambem.

E' feliz quem no mundo pôde achar-te,
E' feliz quem seus mimos gozar-te,
Infeliz quem se entrega sem fructo,
Infeliz quem jansais se encontrar.

D. Julia A. de Figueiredo.

Quando se perde a segunda — 1
Diz decerto a primeira — 1
Quando o todo se perde
E' uma perda verdadeira.

Charadas novissimas

Esta cantora em Faro, contente faz maroceta — 2, 1, 2.
Ha nas proximidades do convento uma tempestade — 1, 3.
Uma fibra e outra fibra não se unem — 1, 4, 2.
Letra, letra, letra, letra, metal — 1, 1, 1, 1.
Anda em movimento esta grande povoação por onde todos passam — 1, 3.
Não é assim que consigo trazer a mim aquelle infeliz — 7, 2.
Manda para a cidade este maroto! — 1, 7.

Logographos

(POR LETRAS)

DIVINDADE
4. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0.
1. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0.
0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0.
1. 2. 3. 2. 0. 0. 0. 0. 0. 0.
0. 0. 4. 0. 8. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0.
0. 0. 2. 0. 8. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0.
2. 2. 5. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0.
3. 4. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0.
2. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0. 0.

DIVINDADE

Pode liquido conter — 1, 4, 1, 8
E serve para pagar — 5, 8, 7, 3
Ou então para enganar — 1, 3, 3, 8
Uma planta ha de ser — 1, 0, 5, 8

E' causa de muitas crises,
De via intriga, traçoas,
Indispõe muita gente,
E não oúta a condições.

Enygmas

(SUPPRESSÃO DE CONSOANTES)

3. 1. 8
E. e. o. s. do. de. 1. 0. 1.
. 0. . 1. do. d. 0. 0. 0. 0. 0.
. 0. . e. . 0. 0. 0. 0. . 0. . 0. . 0.
A. l. e. . s. . 0. . 1. . 0. . 0.
e. . e. . e. . 0. . 0. . 0. . 0. . 0.
E. . e. . 0. . 0. . 0. . 0. . 0. . 0.

1000

a

100

a

100

a

Decifrações do n.º 21 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas em verso — *Idubala, Horario, Assustado*.
Das charadas novissimas — *Agami, Obi, Remido, Libba*,
Cuffi, Arcanab, Famulla, Patim.
Da charada diffusa — *Landabaria*.
Dos logographos — *Romantaria, Miceitanea*.
Da carta enigmatica — *Almofedao*.
Do enigma — *A Morte é uma grande desgraça*.

Correspondencia em miniatura

Gostá? — Quem não havia de gostar de tão delicado mimo?
Os ditos agradecimentos.
Fachrek? (Libba) — Importuno, manca; hemvindo sempre.
O paine? — Que faltam as decifrações. Manda-as, sim?
Recebe? (Algarvel) — Recibi, mas não respondo. Dispõe-se a não gastar ceca com ruins desenhos.
Fazs (Algarvel) — Muito agradecido. Já hoje tem a prova de que a charada não foi para o cesto dos papéis velhos. E' um pouco. Charada, mas está muito boa feita.

F. A. de Mattos.

Uma senhora trata com um negociante de cães.
— Eu vivo no campo e preciso de um bom cão de guarda.

— Sim, minha senhora.
— Mas não quero um cão que esteja a ladrar toda a noite.

— Não, minha senhora.
— Um cão grande, forte e feroz.

— Sim, minha senhora.
— Mas meigo como um cordeiro para a gente da casa.

— Sim, minha senhora.
— Que salte bem aos ratoneiros e os ponha em fuga.

Vingança d'um selvagem



— Sim, minha senhora.
— Mas que se não atire aos pobres honrados que precisamos de trabalho.

— Não, minha senhora.
— Bandido que tente arrombar a porta, quero um cão que o faça em migalhas.

— Sim, minha senhora.
— Mas que se não atire aos vizinhos que tocam a campainha para virem passar a noite.

— Não, minha senhora.
— E olhe que tambem se não atire a quem vier alta noite tocar a campainha para chamar meu marido. Meu marido é medico.



— Muito bem, minha senhora. V. ex.ª o que quer é um cão adivinho. Eu não tenho. Talvez o sr. Chamberland já ensinasse algum. Queira dirigir-se a elle.

Elle — Amo-a!
Ella — Que doçura!
Elle — Mas sou pobre!
Ella — Que idealismo!
Elle — E queria casar consigo!
Ella — Que estúpidez!



Um mendigo, indicando com os gestos ser surdo-mudo, estendeu um papel a um sujeito, papel em que se lamentava muito pela sua desgraçada sorte e pedia soccorro.

A pessoa a quem se entregava a supplica, tirou uma moeda de prata da algibeira, fingindo-se muito myope, e, depois de lh'a dar, disse-lhe: Eu queria-lhe dar uma libra, foi o que lhe dei! Não senhor, foram dois tostões, respondeu logo o surdo-mudo.

AO PALAIS ROYAL

JOIAS

GRANDE BAZAR

MACHINAS DE COSTURA

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de ouro

A. PINTO DA CUNHA

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91 — PARÁ



Coimbra & C.ª FABRICANTES DE CALÇADO

Fornecedores da Casa Real
E das principais casas de Paris

EXPORTADORES para a AFAICA E BRASIL

Grande sortimento de calçado de toda a espécie para senhores,

homens e crianças nas FILIAES:

Rua do Príncipe, 124 — Rua Nova do Carmo, 94

Officinas — R. do Jardim do Regedor, 33 a 35 — LISBOA

Photographia FIDANZA PARÁ

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado estabelecimento do

Norte do Brasil

premiado nas exposições de Paris e Chicago.

Nitidez, perfeição e arte

COMPAGNIE des Messageries Maritimes Paquebots post français LIGNA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros de 1.ª classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.ª, Praça dos Bonifários.

Para cargas, passageiros e todas as informações, trata-se na agência da Companhia, Rua Azevedo, 22. Pela Companhia des Messageries Maritimes. Soc. Anon. Fr.

SALOES E QUARTOS MOBILADOS PARA FAMILIAS



BANHOS Quentes e Frios

Este estabelecimento de primeira ordem, situado no centro de todos os passeios e linhas de bonde, recommenda-se pela exactidão do seu serviço, aceso, modicidade em preços e cozinha franceza.

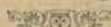


HOTEL SUL-AMERICANO

BAHIA-BRASIL

PROPRIETARIO

Antonio T. Alves



VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos Jr.
SANTOS JUNIOR. PORTO
Cria fundada em 1872

Premiada com os primeiros premios em todas as exposições.

Pacheco Borges & C.ª

Importação

e exportação

Commercio e consignações

Rua 15 de Novembro, 47

PARÁ



LEAL, SANTOS & WALD

Fabrica de biscoitos

RIO GRANDE DO SUL

Provem os especiaes biscoitos

DO

RIO GRANDE

DE

LEAL, SANTOS & WALD

Qualidade e sortimento eguaes aos Ingleses

Venda em todas as casas de primeira ordem

Endereço telegraphico — ZULMIRA

AGUA CARBO GAZOSA

DAS

LOMBADAS

S. Miguel (Açores)

A RAINHA DAS AGUAS DE MESA

LEVE, ESTOMACAL, DIGESTIVA

A mais pura e mais barata, garrafas e rolhas entalhadas. Pedir tabellaa de preços e condições de venda a Meyrelle & C.ª, fornecedores da Casa Real Portuguesa, e de S. A. S. o Principe Reainante de Monaco.

174, RUA DO ARCO BANDEIRA, 178

LISBOA

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de vestidos e afayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa

DUARTE & C.^a
 Representantes de Rocha Silva & C.:

DO
PARÁ

ANALIZAD DE ESTIVAS NACIONALES E ESTRANGEIRAS. — ESPECIALIDADE EM PULVERA E FABRICOS. — COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
 Rua Marechal Deodoro, 5 — MANAOS

VINHOS DO-PORTO

DA

Companhia Agricola e Commercial dos Vinhos do Porto

SUCCESSORA DE

D. Antonia A. Ferreira

(FERREIRINHA DA REGOA)



MARCAS ESPECIAES

- 1815 — DUQUE DE BRAGANÇA
- 1840 — PRINCIPE DE GALLES
- 1833 — VEZUVIO
- 1875 — MOSCATEL-VARGELLAS

Acham-se estas novas marcas especiaes, e outras, á venda no escriptorio dos

VINHOS DO PORTO

NA

Rua do Marechal Saldanha, 53. (ao Calhariz)

LISBOA

ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O DE de Rua Nova da Almada
 tem a honra grande, e importante de chamar para si os seus clientes, em todas as
 partes do mundo, a saber: a casa e a primeira, no seu genero, em actividade e por pouco
 dinheiro. Nenhum viajante deve deixar de visitar este estabelecimento
 em Lisboa.



Banco de Belem do Pará

RUA 15 DE NOVEMBRO

DIRECTORIA

José Marques Braga — José Taveira Lobato — Joaquim Samuel Gomes de Freitas —
 José Augusto Corrêa — José Leite Chermont

CAPITAL 3.000:000\$000 RÉIS

Este Banco sacca e emitta cartas de credito sobre todas as cidades e villas de Portugal, Hespanha e Italia, sobre Paris, Londres e New-York, e bem assim sobre o Rio de Janeiro, Ceará e Maranhão.

Restaurant COELHO

— Largo de Santa Anna —

PARÁ

Proprietario — J. P. Vieira de Magalhães

O mais importante estabelecimento do Norte do Brasil.
Serviço de primeira ordem, a toda a hora, dia e noite.
Hotel no 1.º andar. Aposentos arejados. Preços modicos.
Tratamento sem igual.
Casa sempre apta a fornecer banquetes.

JOÃO BASTOS & C.^{TA}
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

CASA DE COMISSÕES

JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO & C.
Importadores e Exportadores
DE GENEROS DE ESTIVA

Endereço telegraphico — Capital

Rua do Amorim, 33 a 35 — PERNAMBUCO

ANTONIO DO COUTO

ALFAIATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

Tem sempre em deposito grande e variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

OFFICINA DE ENCADERNACAO

(Annua e LIVRARIA ACADEMICA)

De JOÃO LOURENÇO FERREIRA

47, TRAVESSA DE CEDOFEITA, 17

(Proximo á Rua da Conceição)

PORTO

Executa-se, com a maxima perfeição, todo o trabalho concernente a esta arte. Livros, summas, mapas, fazendas, carteiros, charteiros, bilhetes, pastas para que fizesse, etc., etc., encarregando-se tambem dos respectivos bordados á couza, matiz, etc.; para o que tem pessoa devidamente habilitada.

O proprietario da officina responsabilisa-se pela perfeição de todos os trabalhos que lhe sejam confiados.

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes

ENDER. TELEGR. «Alda»

C. do Correlo 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ



Bobina central

Em machina de costura é o que ha de mais maravilhoso.

É propriedade exclusiva da importante e acreditada Companhia Fabril «Singers».

A machina BOBINA CENTRAL reune as grandes qualidades «excenções de velocidade, duração, formosura, perfeição e firmeza de poste».

A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO

105, Praça do Loreto, 107 — LISBOA

Largo do Conde Barão, 36 — Calçada da Graça, 10

111, Rua da Junqueira, 111

Loja Pacheco

DE

Deolindo Pimentel & C.^a

Sortimento completo em fazendas e artigos de novidade. Chapéus, calçado fino, perfumarias, roupas feitas para senhoras, homens e crianças.

Caixa postal N.º 264

Rua da Instalação, 24

Manãos

OS MAIORES ATELIERS
EUROPA
GRAVURA
E OFFICINA DE
FABRICA DE CARIMBOS
PAPELARIA
TIPOGRAPHIA
LITHOGRAPHIA
ENCADERNACAO DE
158, 154, Rua do Ouro, 158, 154.
L. FREIRE (Proprietario)

RESTAURANTE AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

J. DE S. MATHEUS, 24 — PARA

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes.
Acesso extremo. Illuminação electrica

TODOS OS CONFORTOS

ENXOVAES

LOJA DA AMERICA
ARTHUR D'OLIVEIRA & GARCIA
ROUPARIA BRANCA

LISBOA — 206, Rua do Ouro, 208 — Rua d'Assumpção, 92, a 96 — LISBOA

A CONFIANÇA

Companhia de Seguros, marítimos e terrestres

Capital 1.000:000\$000

DIRECTORIA

José Marques Braga — João Fernandes Costeira
José Joaquim Lopes de Sousa

RUA 15 DE NOVEMBRO
PARÁ

BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul

CAPITAL SUBSCRIPTO 5.000.000\$000

Capital realiado, 2.500:000\$000
Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899. 4.100:000\$000
Lucros suspensos e especiaes, idem, 1.200:000\$000

Fez todas as operações bancarias, inclusive cambias, em sua sede e nas suas filiaes estabelecidas nas praças do Rio Grande e Pelotas, com os seus correspondentes em todas as praças da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Prata e com os Filizes d'Europa e America.

Directores

A. R. Tavares, Manoel Carvalho da Costa, João Custoso Pinto

Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

Soberano depurativo do sangue

Approvada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças originarias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gotta, cancro, escrophulas, tumores, boubas, ulceras de mau caracter no collo do utero e garganta, inchação nas pernas, molestias da pelle, empigens, dactros, escoriações, granulações no rosto, vegetações e blenhorragias agudas ou chronicas, dores steocopas e nevralgias, inflammações visceraes de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determinadas por saturação mercurial.

A SALSA TAYUYÁ E MURURÊ

Demanda muito pouco resguardo e pôde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupações; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogaria Beirão

DE

Carvalho Leite & C.

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ

LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.^a

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences do escriptorio. Objectos artisticos para brindeas. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova da Almada, 47 e 49—LISBOA.

Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.^a

R. CONSULHEIRO JOÃO ALVARO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelerias, livros em braso, chapas, harmonicas, cordas para violão, Resinas, Calceos de musica, Roupas feitas, perforadoras, brinquedos. Camas de viagem, bicicles, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MIUDEZAS

O systema de vender tudo sem preço lizo é absoluto no Bazar da Industria

Vendas por atacado e a retalho

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—luzo de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 e 50 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 3 1/2 e commissão de 1/2 1/2 de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 á ordem e 3 1/2, ao prazo de 3 mezes; 3 1/2, a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto, está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



Fabrica Amazonia

Casa Importadora

PARÁ

R. 13 de Maio, 49

Ferreira Pinto & C.^a

GRANDE DEPOSITO

De cachaça, alcool, cognacs, refrigerantes, cidra, gubra, vinhos de casti, genipapo, e hesperidina nacionaes.

Vinhos

De todas as procedencias—qualidades garantidas. Colares especial—importação directa.

Estabelecimento

De confiança—Preços sem competencia.

Caixa postal N.º 349

Enter. telog. FERPIN



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sedes dos concehlos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

ASSOCIAÇÃO

DOS

EMPREGADOS NO COMMERCIO

DO

RIO DE JANEIRO

(Exclusiva para o pessoal do commercio)

FUNDADA EM 1880

Sede provisoria: Rua do Rosario, n.º 97

Sede em construcção: Rua de Goncalves Dias, n.º 40

Capital social 900.000\$000

Esta associação, 1.ª no seu genero na America do Sul, conta actualmente um effectivo de 12.000 socios, todos do commercio—NEGOCIANTES, CAIXEIROS, GUARDA LIVROS, AJUDANTES, ETC.

E' unica pelos numerosos auxilios que distribue mediante a modica mensalidade de 2\$000 réis paga em trimestres.

O edificio em construcção á Rua Goncalves Dias está concluido em 1900 e será um dos mais lindos do Rio de Janeiro, construido especialmente para o fim a que se destina, não terá igual na vasta Republica Brasileira, constituindo pois, uma gloria para a CLASSE COMMERCIAL.

A Administracção compõe-se de negociantes, industrias, caixeiros, guarda-livros e ajudantes, todos muito conhecidos no centro commercial.

Convida-se todo o pessoal do commercio do Rio de Janeiro a filiar-se n'esta poderosa Associação. Na Secretaria fornecem-se todos os esclarecimentos precisos, quer sobre a admissão, quer sobre as multiphas vantagens garantidas.

| | | |
|--|-----------------------------------|--------------|
| GRANDE DEPÓSITO
de livros em branco,
aliquetas
de escriptura,
artigos
para presentos,
quiquelherias,
etc., etc. | LIVRARIA | PAPELARIA |
| | TAVARES CARDOZO & C. ^a | |
| | TIPOGRAPHIA | ENCADERNAÇÃO |

LIVRARIA UNIVERSAL

Casa fundada em 1859
PARA BIA IL
AGENTE
F. de Queirós
& C.^a
Mauão

Rua do Cons. João Alfredo

Telephone—300 Caixa Postal—59



GRANDE FABRICA DE COROAS

Flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro em diferentes
exposições nacionaes e estrangeiras

T. Delpart Succ.^{es}

Rua Sá de Bandeira, 240
PORTO

Telegramas - VILLE-PORTO

PILLAL EM LISBOA

Rua da Prata, 100

BRAGA
Pinheiro & C.^a
SANTARÉM
Ferreira & Ferreira

COIMBRA - Largo de D. Carlos
SIQUEIRA - Largo de Cambes



Torre Malakoff

LA ROQUE & C.^a

RUA DO CONS.^o JOÃO ALFREDO, 86

PARÁ

Especialidade em artigos para

viagem, moveis e miudezas

INTERNACIONAL

Companhia portuguesa de seguros

SÉDE EM LISBOA

100, Rua Aurea, 1.^o

Efectua seguros marítimos e
contra o risco de fogo, gaz e
raio.

Agencias nas principais povoações
do paiz

Directores

Raphael de Mello Amaral.
Visconde de Mangualde.
Carlos Alfredo Romano.

Pernambuco Powder Factory

FABRICA DE POLVORA

ESCRITORIO

Rua do Commercio, 6

(HERMAN-ZUNDEG)

PERNAMBUCO

NUNES & NUNES Cambios e Papéis de Crédito

ENDERÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

95, RUA DO DURO, 97 - LISBOA

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.000.000.000 rs.
13.600.000.000 REIS

De sinistros pagos desde 1864 até 1895

PREMIOS E RESERVAS 8.993.000.000

Seguros contra incendio, explosão de gas
ou raios

Equateur Atlantique & Union Maritime

Companhias francezas contra os riscos marítimos e
riscos de transporte de qualquer natureza.

DIRECTORES - Lima Meyer & Filhas

LISBOA - Rua da Prata, 50, 5.^a



A Sul-America

Companhia de seguros sobre a vida

| | |
|--------------------------|----------------|
| Capital | 5.000.000\$000 |
| Reserva | 2.000.000\$000 |
| Receita annual | 3.000.000\$000 |

A SUL-AMERICA

Succursaes brasileiras

- Pará e Amazonas* — na Minas Musical, Gil Augusto de Novas Rodrigues, representante.
- Maranhão* — Representantes: S. Lutz, José Pedro Ribeiro & C.ª; Caxias, major Odorico Sinual de Moura.
- Piauí* — Jonas Corrêa & C.ª, Parnaíba.
- Ceará* — Caixa 26, fortaleza, commendador Alfredo Garcia, representante.
- Rio Grande do Norte* — Odillon A. Garcia, Natal.
- Parahyba do Norte* — Lemos & C.ª.
- Pernambuco* — R. Marquez d'Olinda, 36, Recife, Ildelfonso Simões, representante.
- Sergipe* — Luiz Schmidt, Maroim.
- Bahia* — Escriptorio no edificio da Associação Commercial, representantes: F. A. Harselmann & C.ª.
- Espirito Santo* — João Apriego Aguirre, Victoria.
- Minas Geraes* — Arthur Carvalho do Nascimento, inspector, *Juiz de Fora*.
- S. Paulo* — Escriptorio, rua 15 de novembro, 34, Manuel C. Costa, inspector.
- Paraná* — Manuel de Miranda Rosa, representante geral, *Coritiba*.
- Santa Catharina* — Carl Hoepke & C.ª, Florianopolis.



COMPANHIA DE SEGUROS SOBRE A VIDA

56, Rua do Ouvidor, 56

66, Rua da Quitanda, 66

RIO DE JANEIRO

A mais importante da America do Sul

A unica **Companhia Brasileira** que funciona em todas as Republicas d'este continente, e onde tem merecido a confiança do publico. Os balanços que **A Sul-America** publica annualmente com toda a pontualidade, demonstram que tem effectuado mais seguros e que offerece muito maiores garantias para cada conto de reis segurado, do que qualquer outra companhia.

A Sul-America espalhando profusamente seus riscos pelos diversos Estados da União Brasileira e Republica do continente Sul Americano, não está exposta aos desastrosos effeitos de epidemias, ou a excessiva mortalidade produzidas pelas molestias endemicas, como pôde succeder com as Companhias que operam unicamente em certas e determinadas zonas.

A Sul-America é a unica companhia que emite apolices com amortisações semestraes, systema pelo qual os seguros são remidos na razão de um por cento em cada semestre.

Rio Grande do Sul — Rua dos Andradas, n.º 296; *Porto Alegre*, dr. Bento Cavalcanti, gerente.

Goyas — Rua do Mercado, Goyas, Luiz Guedes de Amorim, representante.

Mato Grosso — Travessa Villas Boas, 8 A, Caetano Carlos Galvão, representante.

Succursaes estrangeiras

Republica Argentina — Avenida de Mayo, 623, Buenos Ayres, directores locais: dr. Carlos Navarro Lamarca e J. J. Dowson.

Uruguay — Zabala, 109, Montevideo, Jorge Percy, gerente.

Paraguay — W. Harrison, representante, Assumpção.

Peru — Calle Coca, 70, Lima, directores locais: Augusto Leguia e Francisco Espinosa.

Bolivia — Calle Santo Domingos, 15, Cochabamba, Victor Crespo, representante.

Ecuador — Calle Aguirre, Guayaquil e Quito, L. de Nicolai d'Alvarez, gerente.

Europa — Representantes e banqueiros

Paris — Le Avenue d'Éna.

Londres — Coulon, Berthoud & C.ª, 41, Threadneedle Street.

AMAZONENSE

DIRECTORIA

Presidente — Coronel Antonio de Miranda Araujo

Secretario — Alfredo Bastos

Gerente — Alberto Moreira Junior

Medico-Chefe — Dr. Menezio Quadros

Banqueiro — Banco do Amazonas

Companhia de Seguros

SOBRE A VIDA

Séde social: Rua Municipal, 68 — MANÁOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A End. Teleg. AMAZONAS

Unica com séde no Estado do Amazonas
Unica que paga sempre os seus sinistros
imediatamente após a exhibição
das provas legaes

Unica sociedade em que os segurados
participam dos lucros

Unica em que os habitantes do Amazonas e
devem fazer seguros

Soares Irmão & C.^a

MATRIZ
CASA HAVANEZA
Rua da Instalação, 7
Vendas
por grosso

Importação directa de todas as praças

Caixa postal n.º 42

Ender. teleg. HAVANEZA
MANAOS

FILIAL

O Barbeiro Elegante
Rua Municipal, 28

Vendas
a Varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros
e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos
para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens
e em objectos para viagem. Especialistas em
roupa branca portugueza. Perfumarias.

VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

LONDRES, 1862; PORTO, 1865 E PARIS, 1867 E 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

PORTO
REGISTRADA

MARCA DE COMMERCO

Os vinhos com o nome de minha casa só devem
ser considerados genuinos e authenticos, quando
tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de
commercio registrada, de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto.

Sapataria Luso-Brazileira

DE Francisco d'Oliveira SUCCESSOR
Antigamente: Moreira & Fonseca

Calçado de luxo para exportação

FABRICO EXCLUSIVAMENTE "MANUAL."

93, RUA DO OURO — LISBOA

Caixa Postal
290

UNIÃO PARAENSE

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira

Vice-presidente — José Marques Braga

Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade

Medico — Dr. Luciano Castro

Secretario — Constantino Quadros de Car-
valho

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

GABINETE HYDROTHERAPICO

DO DR. MAUPERLIN SANTOS

MEDICOS DIRECTORES: J. Mauperlin Santos
e J. Silvestre d'Almeida.

Instalação hydrotherapica completa, duas
salas de duchas para honras e senhoras, inte-
ramente separadas e independentes, gabinete
anexo de electricidade e massagens.

Tratamento de doencas nervosas e do esto-
mago.

Aberto das 8 da manhã; 3 de 5 da tarde.

Entradas: C. do Duque, 20

C. DA GLORIA, IS LIMBOA

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas



Para fazer Boa Cosinha

É esta iso
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

À venda
em todas as prin-
cipaes mercarias
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO RASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.^a — R. da Prata, 282 a 288, Lisboa.
Jeronymo Martins & F.^{os} — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
José Alfonso Viana & C.^a — Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
Alves Diniz, Irmãos & C.^a — R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
Seb. Corrêa Saraiva Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

HOTEL ALLIANÇA

FUNDADO EM 1843



PROPRIETARIOS

Gotuzzo & Agrifoglio

Rua 15 de Novembro — 218

PELOTAS — Estado do Rio Grande do Sul

Brasil

Banco Norte do Brasil

Endereço telegraphico "NORTH BIL" PARÁ — Telephone n.º 339

Capital realiado Réis 3.000.000\$000

Fundo de reserva Rs. 349.400\$350

Pará—R. 15 de Novembro, n.º 59

CORRESPONDENTES

NO PAIZ

Rio de Janeiro
Bahia
Pernambuco
Ceará
Maranhão
Mauós

NO ESTRANGEIRO

Londres
Paris
Lisboa
Porto
Genova
New-York

Emitte cartas de credito, e sacca sobre as praças acima e tambem sacca sobre Hamburgo e todas as cidades e villas importantes de Portugal, Hespanha e Italia.
Encarrega se de cobrança de letras e remessa do producto, assim como faz todos os mais negocios bancarios.

SANTOS & MAGALHÃES

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Trabalha typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR

10—RUA DA PRATA—12

— LISBOA —

CONSULTAS

Das 8 da manhã
às 6 da tarde

JOAQUIM CEZAR PAIVA

Cirurgião-Dentista

CONSULTAS

Gratis aos pobres
Das 11 às 12

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Especializa no tratamento de doenças de bocca e dos maxillares

Rua da Palma, 40, 1.º

New Zealand Store

Casa especial de viveres, molhados finos e mais generos concernentes a este ramo de negocio

Importação directa

Recebem generos pelos vapores frigorificos,
de Southampton e Rio da Prata

COELHO, DIAS & C.^a

RUA DO OUVIDOR, 37
RIO DE JANEIRO

Garoto
&
Solidade
Ver
&
Confiança

ARMAZEM DE FAZENDAS
DO
ZÉ POVINHO
28, Largo de S. Domingos, 30
PORTO

Devoir-se
o dinheiro aos
compradores
que julgarem ado-
ver
feito boa compra
n'este caso

O proprietario d'este estabelecimento continua a prevenir o publico em geral q' e não com pre nenhuma artigo sem ver o mostruo o sortimento de preços baratos porque são vendidos os existentes no seu estabelecimento Para as quos se peço toda a attenção. — JOSE MARIA SIMÕES.



Mala Real Portuguesa

ENDEREÇO TELEGRAPHICO Malareal

TELEPHONE N.º 389

Carreiras regulares para o Brazil no fim de cada mnez para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, com escala pela Madeira.

Viajens rapidas pelos excellentes paquetes *Malange, Olivares Cabral e Rei de Portugal*, magnificas accomodações para passageiros de todas as classes, grande salão, camarotes com dous beliches, grandes camarotes para familias, salão para senhores, salas de taboio, de fumar, frigoriferos, luz electrica, et. etc. Tratamento de primeira ordem.

Escreva-nos os vros. passageiros e carregadores o obsequio de dirigirem os seus pedidos ao escriptorio da empresa.

LISBOA — Largo do Municipio, 7, 1.º

NO PORTO

Para passageiros A. A. Henrique rua Alexandre Herculano, 254.
Para carga David José do Pinho, rua Nova d'Alfandega, 30.

PERFUMARIA FINA

Praça de D. Pedro, 101 — LISBOA

Recebe nova cossessa de essencias finas e modernas, para lenço e banho PÓ DE ARROZ, SABONETES ETC.

COMPANHIA DE EGUROS
FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

CAPITAL, 1.344.000\$000 réis

Em acções do capital nominl da 1.000\$000 réis, com entrada de 50.000 réis por acção, sendo a responsabilidade permanente de accionistas, de 950\$000 réis.
Effectua seguros terrestres e maritimos na sede e nas agencias.

L. do Corpo Santo, 13

LISBOA

Cambios
Loterias
e
Papeis
de credito

JOAO VIERLING & C.ª

LISBOA

R. do Arsenal
44 E 46
P. do Municipio
1, 2 e 3



Cesar A. Paiva

CIRURGIÃO DENTISTA

DE
SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

CONSULTORIO

Rua do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

Este hotel tendo passado por grandes reformas, dispõe de excellentes accomodações para familias e viajantes

Quartos para banhos mornos e de chuvia

ENTRADA PARA PORA

Banquetes, almoços e jantares particulares.

HOTEL DE FRANCE

Porto Alegre

270, RUA DOS ANDRADES, 270

João Pedro Bourdette

Consultorio Dentario
DOENÇAS DE BOCCA E DENTES

Saturio Augusto Paiva
Cirurgião dentista
pela Escola de Paris

80, 2.º — Rua de Santa Justa — 80, 2.º

Consultas gratis aos pobres, das 10 ás 11 da manhã

A RESTAURAÇÃO

DE



Deposito de fogos para salho Farnha, vinhos finos e communs

A via anche para vapores e para o Interior do Estado

Gonçalves & C.ª

MERCEARIA, BOTEQUIM E FUMOS

Casa especialista em bebidas e conservas estrangeiras: Importação directa: Comissões e consignações: Caixa postal, 190.

Instalação, 8 — Maãos

GRANDE FABRICA DE MOVEIS

Marceneria 1.º de Dezembro

Rua da Rosa, 168 — LISBOA

Telephone 883.

Reis Collares & C.ª

MARCENEIROS CONSTRUCTORES

Este importante estabelecimento, o primeiro do paiz n'este genero, tem sempre os seus vastos salões em **exposião permanente e franca ao publico**, magnificas mobilias para quartos de dormir, casas de jantar, escriptorios, gabinetes, etc., das mais lindas e preciosas madeiras tanto nacionaes como estrangeiras, fabricadas sempre pelos mais modernos desenhos, assim como se encarrega de toda e qualquer encomenda por maior que seja a sua importancia, satisfazendo-a com a maxima pontualidade, tanto para o reino como para o

Brasil e Africa.

Especialidade em mobiliarios completos para casamentos

Os proprietarios d'este estabelecimento responsabilizam-se sempre em **QUALQUER EPOCHA** pela boa construcção e acabamento dos seus artefactos,

VIUVA WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas
Wenceslau Rio

Caixa do correio
N.º 272

R. da Alfandega, 83

RIO DE JANEIRO

Casa Fundada em 1886

JOSÉ MENDES LEITE & C.

DEPÓSITO DE INSTRUMENTOS DE MÚSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

DE DEPÓSITO A PREÇOS AVANÇADOS EM DINHEIRO

Instrumentos de Música

DE
Accessorios para os mesmos
NO GÊNERO

UNICA CASA DE CONFIANÇA

Especialidade
em cordas para violão,
tubecas e violas

Endereço telegraphico

« Mendes »

Caixa no correio

N.º 455



Registrada por despacho da Meritissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

José Mendes Leite & C.

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA

CAIXA POSTAL N.º 56

103

ENDE. VELHO. OAVILHAS

ESTEVÃO NUNES & FILHOS

A MAIS ANTIGA MERCERIA DO ESTADO FUNDADA EM 1880

Dias d'Oliveira & C. — Vinhos, conservas, generos de 1.ª qualidade.—A primeira n'este genero. Promptidão nas encomendas, garantia nas vendas.

Fidal — Rua Theodorico Sauto — Mañãos — RUA INSTALLAÇÃO, 12

Typographia

OFFICINAS A VAPOR

18 a 24, R. Assumpção, 18 a 24

LISBOA

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7. Rua das Flores — Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os cômodos de uma casa de primeira classe.

FABRICA DE MACHOS

A. C. DE MATTOS

A primeira do Amazonas. Vende modicamente todos os artigos para sapataria e carruagens.

Rua Installação, 16

Mauão

"O PANHOLA,"

J. A. CRUZ & IRMÃO

Especialidade em generos alimenticios.

RUA ITAMARACÁ

Mañãos

Consultorio medico-homoeopathico

Do Dr. Cesario d'Abreu
RUA AUGUSTA, 224, 226, 225

LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos — 12 de 2 a 4, e de 10 a 12, de Arthur Braga.
Consulta medica, 3 de 2 h. de 14 de Cesario d'Abreu.

Consulta gratuita a qualquer hora

Nova sapataria da moda

Victor Gomes & Pedroso
Fundadores da Fabrica de Paris de 1890

REGISTRADA

MARCA

MANUFACTURA DE CALÇADO EM TODOS OS GENEROS

Esperança para o Brasil, Africa e Brazil

Deposito geral — 308 R. Augusta, 208

47, R. de S. Nicolau, 49

231, R. de S. da Bandeira, 233

1.ª Avenida Pedrosa, Caixa postal 56

GRANDE HOTEL METROPOLE

O maior da Capital, construido de acordo com o clima do paiz, e situado nas faldas da Corcovada.

Possua todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aconchegos para familias e cavalheiros

Gerente
CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

181, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.ª — Rua de S. Paulo, 216, 2.ª — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 233

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do paiz em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

ALVES DINIZ & IRMÃO

R. DE S. JULIÃO, 92 a 103

Negociantes de generos colonias

Consumo e reexportação

Tambem recebem consignações de conta alheia.

Livraria moderna PEREIRA & SILVA

PARA — R. Cons.º João Alfredo, 35

Littera amena

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.

PERTENÇAS DE ENCRIPTOARIO

Preços sem competencia
Endereço telegraphico Moderna.

MANOEL CANICEIRO DA COSTA
CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR
O mais antigo estabelecimento do norte do Brazil
Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito De materias para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124 — PARÁ

Endereço telegraphico — CANICEIRO

Caixa postal — N.º 63